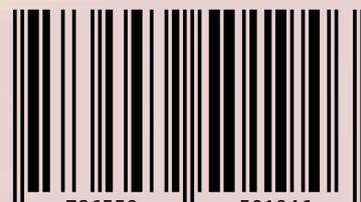


Encontros entre a História e a Memória da Educação Profissional e Tecnológica



Marcelo Vianna
Maria Augusta Martiarena
Caroline Cataneo
Fábio Krzysczak
Cristine Stella Thomas
(Organizadores)



**ENCONTROS ENTRE HISTÓRIA E A MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

Volume 1

ENCONTROS ENTRE HISTÓRIA E A MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Volume 1

Marcelo Vianna
Maria Augusta Martiarena
Caroline Cataneo
Fábio Krzysczak
Cristine Stella Thomas
Organizadores



2024

Título Conselho Editorial do IFRS
Encontros entre a História e a Memória da Educação Profissional e Tecnológica Aline Terra Silveira
Núbia Marta Laux
Sílvia de Castro Bertagnolli
Organizadores Greice da Silva Lorenzetti Andreis
Marcelo Vianna Luciano Manfroi
Maria Augusta Martiarena Minéia Frezza
Caroline Cataneo Maria Cristina Caminha de Castilhos França
Fábio Krzysczak Deloize Lorenzet
Cristine Stella Thomas Erik Schuler
Iury de Almeida Accordi
Marcus André Kurtz Almança
Projeto gráfico e diagramação Juliana Marcia Rogalski
Marcelo Vianna - NuMem/IFRS Maurício Polidoro
Paulo Roberto Janissek
Capa Carine Bueira Loureiro
Marcelo Vianna – NuMem/IFRS Marina Wöhlke Cyrillo
Daiane Romanzini
Ilustração capa Viviane Diehl
Desfile estudantes Colégio Agrícola de Sertão João Vitor Gobis Verges
(anos 1970) Marcio Luis Vieira
Repositório Digital NuMem/IFRS – Cintia Mussi Alvim Stocchero
AF(SER)_00408A Roberta Schmatz
NuMem Campus Sertão Marcelo Vianna
Rafael Alfonso Brinkhues
Gustavo Simões Teixeira
1ª edição Denise Mallmann Vallerius
v.1(2024) Edison Silva Lima

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

E56
v.1

Encontros entre a História e a Memória da Educação Profissional e Tecnológica [recurso eletrônico] / organização Marcelo Vianna, Maria Augusta Martiarena, Caroline Cataneo, Fábio Krzysczak, Cristine Stella Thomas. - 1.ed. - Bento Gonçalves, RS: IFRS, 2024.

1 arquivo em PDF. (Coleção Encontros entre a História e a Memória da Educação Profissional e Tecnológica, 3v)

ISBN 978-65-5950-194-6 (v.1)

[DOI 10.35819/IFRS978-65-5950-194-6](https://doi.org/10.35819/IFRS978-65-5950-194-6)

1. Educação - História. 2. Memória. 3. Ensino profissional. I. Vianna, Marcelo, org. II. Martiarena, Maria Augusta, org. III. Cataneo, Caroline, org. IV. Krzysczak, Fábio, org. V. Thomas, Cristine Stella, org.

CDU: 377

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

p.6

01 -

O TRABALHO COMO FONTE DE PESQUISA – “O RIO DOS TRABALHADORES” E A HISTÓRIA DE TRABALHO-EDUCAÇÃO

Maria Ciavatta
p.12

02 -

A COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL (CBAI) NA ESCOLA TÉCNICA DE CURITIBA (1957-1963)

Mário Lopes Amorim
p.44

03 -

CENTROS DE MEMÓRIA DAS ESCOLAS TÉCNICAS E DAS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO CENTRO PAULA SOUZA: ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO DE ACERVOS ESCOLARES E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO

Julia Naomi Kanazawa
p.65

APRESENTAÇÃO – ENCONTROS ENTRE HISTÓRIA E A MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

A ideia de um evento e de uma publicação que pudesse reunir diferentes experiências de Pesquisa e de Extensão relativas à história e à memória da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) já há muito estava no horizonte do Núcleo de Memória do IFRS (NuMem/IFRS). Ela foi inspirada em muitas iniciativas, como os eventos da Sociedade Brasileira de História da Educação e da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação, tradicionais no campo da História da Educação, os quais oportunizam a formação de simpósios temáticos e grupos de trabalhos que congregam trabalhos focados na EPT sob uma perspectiva histórica. Entre os eventos específicos, outra inspiração foram os encontros organizados pelo Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica – Centro Paula Souza. Atualmente em sua 8.^a edição, os eventos traduzem a preocupação em instituir um espaço para trocas de experiências entre os centros de memórias existentes na rede estadual paulista de EPT.

Em um contexto no qual os lugares de memórias passaram a ganhar força nos Institutos Federais nos últimos anos¹, com a crescente preocupação em preservar e disseminar o patrimônio cultural material e imaterial da EPT, a partir da (re)descoberta de seus acervos históricos ainda pouco explorados, pareceu imprescindível ao NuMem/IFRS promover um encontro específico para a área. Assim, o evento foi pensado como forma de aproximar trabalhos de

¹ Podem ser destacados, além do Núcleo de Memória do IFRS (2018), o Centro de História, Memória e Documentação (CHMD) do IFPE Campus Recife (2019), Centro de Memória do IFMG (2019), o Centro de Memória do IFSP Campus São Paulo (2019), Memorial do IFS (2018), Memorial do IFMA (2015), entre outros. Em nosso site – <https://memoria.ifrs.edu.br/biblioteca-virtual/> - buscamos arrolar os lugares de memória relativos à EPT existentes.

instituições, grupos de pesquisa e pesquisadores e extensionistas em torno do campo historiográfico da EPT, contribuindo para uma conscientização histórica e do desenvolvimento de ações de cidadania e políticas voltadas ao aprimoramento do ensino profissional no País. Algo significativo, levando-se em conta ainda as comemorações dos 115 anos da Rede Federal de EPT no país e o movimento político atual favorável à expansão da Rede.

Assim foi lançado “I Encontro NuMem/IFRS: História e Memória da EPT”. Realizado entre os dias 03 e 04 de outubro de 2023, com o tema Memórias e Acervos da Educação Profissional e Tecnológica, o evento propôs reunir trabalhos que explorassem diferentes perspectivas da EPT e da História da Educação em geral, como as culturas escolares; as memórias, arquivos e patrimônios escolares; as práticas educativas; as dimensões Trabalho e Educação na trajetória da EPT, entre outras. O encontro foi realizado de forma virtual, com mais de 80 trabalhos aceitos, sendo apresentados ao longo dos dias de atividades, contando com participantes de todo o país.

Para além das apresentações de trabalhos, o evento constitui-se, ainda, de uma conferência de abertura e mesas redondas. Para a conferência, tivemos a satisfação de contar com a participação da professora Dra. Maria Ciavatta, Titular em Trabalho-educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Importante referência para o campo historiográfico da EPT, a pesquisadora há muito tem procurado estabelecer a indissociabilidade entre trabalho e educação nos diferentes contextos históricos dos trabalhadores. Suas contribuições a partir da análise de fotografias do mundo do trabalho e trabalhadores tem impactado na História do Trabalho-educação, contribuindo para perceber os elementos não apenas de hierarquização e alienação, mas as possibilidades de superação e autonomia dos trabalhadores, o que tem influenciado uma série de novos trabalhos historiográficos relativos à EPT.

O evento também contou com a participação da Profa. Dra. Olivia Moraes de Medeiros Neta (UFRN/IFRN) e Profa. Me. Julia Naomi Kanazawa (Centro Paula Souza) com a mesa voltada a “Acervos em Educação Profissional e Tecnológica”, enquanto a Profa. Dra. Maria Cristina Caminha de Castilhos França (IFRS) e o Prof. Dr. Mário Lopes Amorim (UTFPR) compartilharam suas pesquisas em torno do tema “Experiências de História e Memória da EPT”. Ambas as mesas trouxeram importantes insights sobre possibilidades de locais e temas de pesquisa, passando por novas abordagens, como a História Digital, até as trajetórias de instituições de EPT e seus acervos. Assim como a conferência, as mesas foram gravadas e se encontram disponíveis no Repositório Digital e no canal do Youtube do NuMem/IFRS.²

Por sua vez, com a realização do evento, coube ainda ao NuMem/IFRS preparar uma publicação que contemplasse as experiências compartilhadas. Intitulada “Encontros entre a História e a Memória da Educação Profissional e Tecnológica”, ela foi organizada em três volumes. Enquanto o primeiro volume foi dedicado aos convidados do evento, os demais procuraram reorganizar os trabalhos dos participantes, contemplando artigos voltados a experiências históricas em Institutos Federais e instituições de EPT, metodologias de pesquisa, questões de patrimônio, entre outros temas estão presentes nos volumes.

Este volume, o primeiro da série, traz três contribuições. A primeira é o artigo de Maria Ciavatta, com o título “O Trabalho como Fonte de Pesquisa – ‘O Rio dos Trabalhadores’ e a História de Trabalho-Educação”. A autora faz uma importante reflexão sobre memórias do trabalho e dos trabalhadores presentes em fotografias. Tendo como base suas obras “O mundo do trabalho em imagens – A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)” e o

2

vídeo “O Rio dos Trabalhadores”, Maria Ciavatta analisou as representações imagéticas dos trabalhadores disponíveis em arquivos públicos e privados do Rio de Janeiro e São Paulo. A partir dos registros fotográficos, a autora observou a condição de exploração dos trabalhadores, a partir da desvalorização do trabalho manual, da hierarquização e do disciplinamento imposto, em meio às transformações urbanas do período. Por outro, as imagens também permitem compreender a cultura do trabalhador, seus espaços de sociabilidade e suas práticas educativas pelo trabalho. Como ponderou Maria Ciavatta, a “educação faz parte do mundo do trabalho” a partir do conhecimento gerado e compartilhado pelas atividades laborais, constituindo um elemento de conscientização dos trabalhadores para sua condição. Desta forma, a contribuição de Maria Ciavatta procura reconhecer o trabalho e a educação em uma unidade epistemológica (Trabalho-educação) de forma a compreender a complexidade do mundo do trabalho em prol de uma educação transformadora, alertando os historiadores para a necessidade de avançar os estudos na área.

Já a contribuição de Mario Lopes Amorim intitulada “A Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI) na Escola Técnica de Curitiba (1957-1963)” procurou revisitar uma experiência histórica no ensino industrial no Brasil no contexto da Guerra Fria. A partir do acervo do Departamento de Patrimônio Histórico (DEPHIS) da UFTPR, o autor explorou a atuação a CBAI a partir de seus boletins informativos, marcando a participação estadunidense na organização do ensino técnico-industrial no país a partir de seus ideais de “democracia, progressivismo e tradicionalismo”. A constituição de um centro de pesquisas e treinamento na Escola Técnica de Curitiba, de forma a viabilizar esses ensinamentos, contribuiu para melhorias estruturais da instituição, tornando-a uma escola-modelo para rede federal na formação de professores para o ensino industrial. Por outro lado, suas atividades detinham um forte

componente ideológico vinculado ao americanismo, com valorização da racionalização do trabalho e dos saberes técnicos aplicados à industrialização como meio de modernização e consolidação da democracia do Brasil, reforçando uma ideia de disciplinamento pelo trabalho e de defesa dos valores liberais ocidentais.

Por fim, o artigo “Centros de Memória das Escolas Técnicas e das Faculdades de Tecnologia do Centro Paula Souza: Espaços de Preservação de Acervos Escolares e das Práticas Educativas de Valorização do Patrimônio Histórico-Educativo”, proposto com Julia Kanazawa, apresentou a trajetória de formação dos centros de memória do referido centro. Mais do que situá-los como lugares de memória indispensáveis para a História da EPT do estado de São Paulo, o artigo demonstrou “um trabalho de persistência e resistência” de professores curadores e pesquisadores para preservar e disponibilizar um rico patrimônio histórico-educativo à comunidade. Entre as estratégias adotadas, o papel da História Oral e as ações educativas corroboram para dotar esse patrimônio de significados, corroborando para obtenção de novos acervos e para sensibilização do público, de forma a se fortalecer os lugares de memórias como meios para produção de novos conhecimentos históricos sobre a EPT.

Em linhas gerais, estes e os demais trabalhos constantes no segundo e terceiro volumes representam um esforço coletivo para demarcar o campo da História da EPT como necessário para uma agenda indissociável entre pesquisa, extensão e ensino, por meio de projetos, trabalhos e práticas. A partir dessa agenda, reconhecer a importância da memória e do patrimônio histórico-educativo da EPT como essenciais para a construção de conhecimentos históricos e, em especial, uma conscientização histórica, primordiais para assegurar uma educação integral, plural, inclusiva, solidária e crítica para a sociedade. Desta forma, encontra-se em discussão um segundo encontro de História e Memória da EPT para o ano de 2025, procurando novamente

congregar os lugares de memórias e suas experiências na produção histórica do campo da educação profissional, técnica e tecnológica.

Desejamos uma ótima leitura a todas e todos,

Os organizadores

O TRABALHO COMO FONTE DE PESQUISA – “O RIO DOS TRABALHADORES” E A HISTÓRIA DE TRABALHO-EDUCAÇÃO¹

Maria Ciavatta (UFF)²

“É a memória que permite a projeção do futuro.”³

Resumo: No evento promovido pelo Núcleo de Memória do IFRS, apresentamos este trabalho que tem por base o livro “O mundo do trabalho em imagens – A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)” e o vídeo “O Rio dos Trabalhadores”. Em cinco anos de pesquisa sobre fotografias de trabalho e de trabalhadores em arquivos públicos e privados do Rio de Janeiro e de São Paulo, buscamos investigar qual a memória do trabalho e dos trabalhadores, foi preservada; se foi a memória coletiva dos trabalhadores, a memória social ou a do poder oficial, e qual a história que se construiu a partir da preservação ou do apagamento dessas memórias. A utilização da fotografia como fonte de pesquisa social coloca o difícil problema de ir além de seu fascínio como recriação da realidade. A problematização da verdade histórica através da fotografia passa pelo problema do olhar e pela questão da interpretação. Neste texto, primeiro, apresentamos a questão da memória e da história; a seguir, a fotografia como fonte histórica; em terceiro lugar tratamos da modernização do Rio de Janeiro e a Reforma Pereira Passos; quarto, a comemoração do Centenário da Independência e o arrasamento do Morro do Castelo; em quinto lugar, o mundo do trabalho e os trabalhadores; e, por último, uma breve abordagem da história de trabalho-educação e nossas considerações finais.

Palavras-chave: mundo do trabalho – trabalhadores – fotografia – Rio de Janeiro

¹ Este texto foi a base da Conferência de Abertura do I Encontro NuMem/IFRS, História e Memória da Educação Profissional e Tecnológica, proferida no dia 3 de outubro de 2023 (online). O texto retoma citações textuais do livro Ciavatta (2002). “O mundo do trabalho em imagens. A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)” e do vídeo Ciavatta; Castiglioni (2001). “O Rio dos trabalhadores.”

² Professora Titular de Trabalho e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense; Pesquisadora Sênior do CNPq. E-mail: maria.ciavatta@gmail.com

³ Com base em VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica. **Revista TB**, n. 95, p. 119-126, out.- dez, 1998.

Introdução

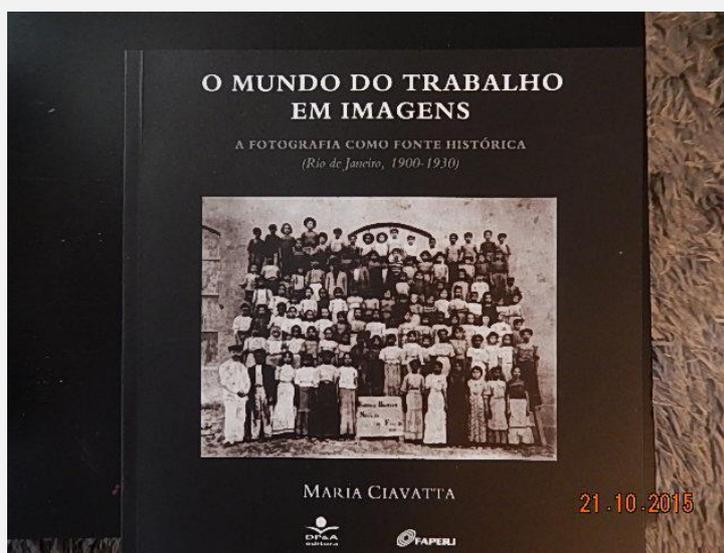
“É a memória que permite a projeção do futuro” é uma ideia que nos acompanha desde que começamos a estudar a fotografia como fonte de pesquisa. É a memória que alimenta a história e a identidade de pessoas e de povos. Minha referência é Gilberto Velho (1998) que se inspirou em Alfred Schutz (1979), e trata a memória com os conceitos de identidade e projeto. Velho introduz a noção de projeto como uma “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (SCHUTZ, 1979, apud VELHO, 1998). O projeto, que pode ser expresso através de conceitos, palavras ou categorias, seria um instrumento básico de negociação da realidade com outros sujeitos sociais, indivíduos ou coletivos. A identidade depende dessa situação interativa.

Esta é uma questão importante no evento promovido pelo Núcleo de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do IFRS. O Brasil é um país de escassa memória e pouco conhecimento da história, exatamente, porque é um país de povoamento de exploração. Não é recomendável aos olhos do colonizador que os colonizados preservem a memória de sua escravização e submissão e, por isso, resistam, tentando construir outros projetos de vida. Se estou certa no que pressinto, nos últimos tempos, é extremamente auspicioso o movimento em direção à criação de centros de memórias nos Institutos Federais e em universidades que não preservam sua memória, além da obrigatória por lei, a burocrática.

Esta apresentação tem por base o livro “O mundo do trabalho em imagens – A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930)” e o vídeo “O Rio dos Trabalhadores”, elaborados a partir da pesquisa desenvolvida nos anos 1996 a 1998 e, em mais uma fase, até 2002, no Núcleo de Estudos, Documentação e Dados (NEDDATE), do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, com apoio do CNPq e da Faperj.

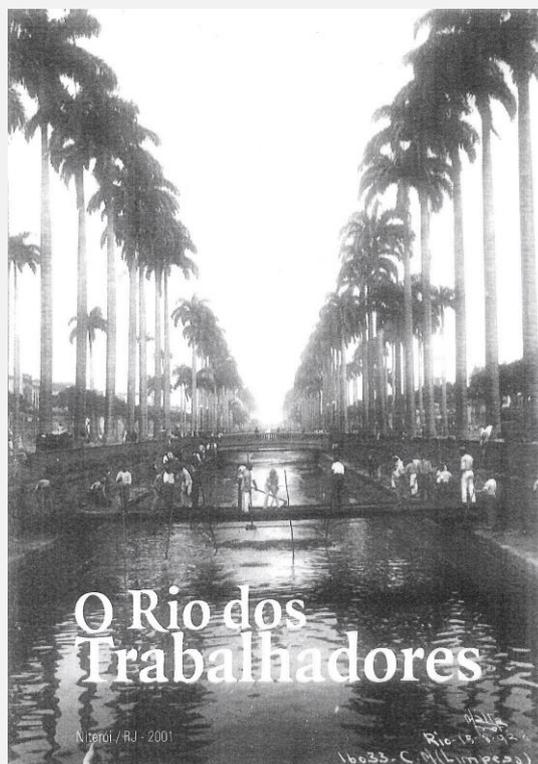
Buscamos investigar qual a memória do trabalho e dos trabalhadores, que foi preservada, se foi a memória coletiva dos trabalhadores, a memória social ou a do poder oficial, e qual a história que se construiu a partir da preservação ou do apagamento de cada uma dessas memórias.

Fotografia 1 – Capa do livro “O mundo do trabalho em imagens”.



Fonte: CIAVATTA (2002, capa)

Fotografia 2 - Capa do vídeo O Rio dos Trabalhadores.



Fonte: CIAVATTA; CASTIGLIONI (2001, capa)

A fotografia n. 2 reproduz a capa de “O Rio dos trabalhadores”⁴, um vídeo documentário de vinte minutos, cujo roteiro tem por base a mesma pesquisa que deu origem ao livro. Com ele pretendemos levar a um público ampliado, em linguagem atual e mais acessível, o trabalho acadêmico desenvolvido com estudantes, em cinco anos de pesquisa sobre fotografias de trabalho e de trabalhadores, em arquivos públicos e privados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esperamos que a memória nele presente possa ser útil ao diálogo com os estudantes, com os movimentos sociais e os trabalhadores, favorecendo a afirmação de sua identidade e alimentando as lutas do presente “para não apagar o futuro”.

A utilização da fotografia como fonte de pesquisa social coloca o difícil problema de ir além de seu fascínio como recriação da realidade. A problematização da verdade histórica através da fotografia passa pelo problema do olhar e pela questão da interpretação.

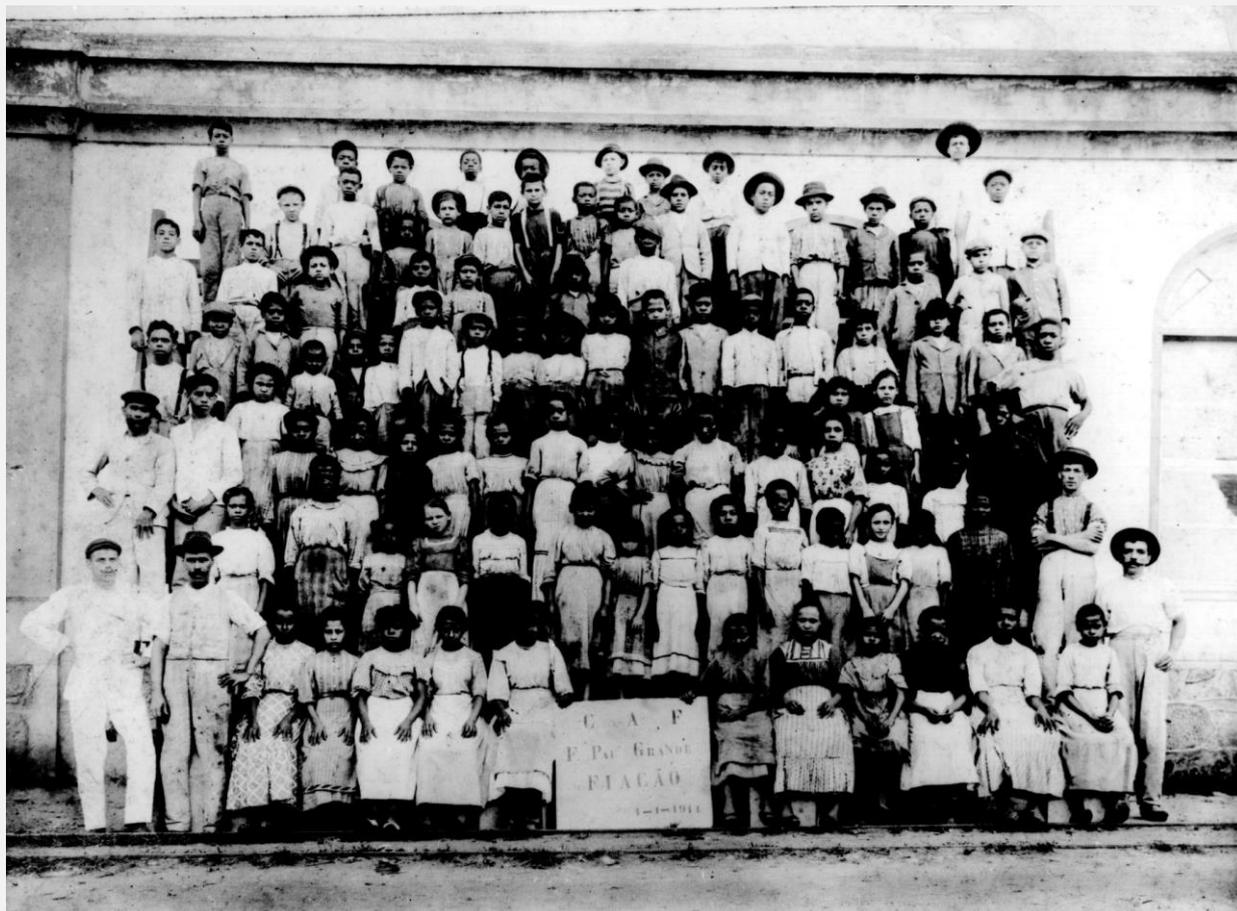
Neste texto, procuramos trazer os fundamentos de Trabalho-educação no livro e no vídeo, com textos e imagens fotográficas. Primeiro, apresentamos a questão da memória e da história; a seguir, a fotografia como fonte histórica; em terceiro lugar tratamos da modernização do Rio de Janeiro e da Reforma Pereira Passos; quarto, a comemoração do Centenário da Independência e o arrasamento do Morro do Castelo; em quinto lugar, o mundo do trabalho e os trabalhadores; e, por último, uma breve abordagem da história de trabalho-educação e nossas considerações finais.

⁴ Foi produzido a partir da pesquisa “O mundo do trabalho em imagens” – A fotografia como fonte histórica”, com apoio da UFF, CNPq e FAPERJ, no período 1996 a 2001, desenvolvida no Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação (NEDDATE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.

Memória e história

A memória permite reconhecer os traços visíveis do passado no presente, no caso desta imagem, crianças no trabalho fabril. Assim se mostram os trabalhadores homens, mulheres e crianças da fábrica têxtil, igual a outras do início do século XX (fotografia n. 3).

Fotografia 3 – “Raiz da Serra, Fábrica Pau Grande, operários da Seção de Fiação”.



Fonte: “Raiz da Serra, Fábrica Pau Grande, operários da Seção de Fiação”, Coleção América Fabril. Publicada em Folheto de 2022, Rio de Janeiro, fotógrafo não identificado, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 127).

Fotografia 4 – “Carregadores e casas marcadas para desapropriação”.



Fonte: “Carregadores e casas marcadas para desapropriação”, sem data, Rio de Janeiro, fotógrafo Augusto Malta, Fundação Casa de Rui Barbosa (apud CIAVATTA, 2002, p. 31).

Outras imagens, como a fotografia n. 4, mostram trabalhadores urbanos, carregadores com seus carrinhos de mão, lembrança que se reconhece ainda hoje nas ruas do Rio de Janeiro. Seria a memória transmitida das gerações mais velhas às novas gerações que dariam aos grupos sociais a relação do presente com o passado. Não se trata de conservar o passado, mas de reencontrá-lo ou reconstruí-lo partindo do presente. Bloch propunha uma compreensão histórica do passado. Como historiador, Bloch preocupava-se com a memória jurídica da sociedade, com a memória familiar, dos grupos religiosos e das classes sociais.

Jorn Rüsen (2009, p, 164)⁵ argumenta sobre o caráter científico da história e de sua relação com a prática do historiador. Inicia seu ensaio com uma afirmação esclarecedora sobre a relação memória e história: “A memória

⁵ Jorn Rüsen (1938), historiador e filósofo alemão; investiga, principalmente, teoria e metodologia da história, história da historiografia, metodologia do ensino da história.

torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente. [...] A história é uma forma elaborada de memória, ela vai além dos limites de uma vida individual”. A memória proporciona uma perspectiva para pensar o futuro; a história “trama as peças do passado rememorado em uma unidade temporal aberta para o futuro, oferecendo às pessoas uma interpretação de mudança temporal”.

1. A fotografia como fonte histórica⁶

Distinguimos a invenção da fotografia como forma de conhecimento do mundo da história da técnica e da arte da fotografia como distinta da história feita através da fotografia, de sua utilização como documento. Para Kossoy (1980), são importantes o que ele considera os fundamentos teóricos da fotografia, seu contexto histórico, os espaços e tempos determinados de sua criação, desenvolvimento, uso e apropriação.

Fotografia n. 5 – “Peça d trilho – comparação dos desgastes [sublinhados pelas linhas brancas].



Fonte: “Peça d trilho – comparação dos desgastes [sublinhados pelas linhas brancas], Rio de Janeiro, 1928, fotógrafo Augusto Malta, Acervo Histórico da Light (apud CIAVATTA, 2002, p. 19).

⁶ Esta seção recupera textos dos livros CIAVATTA, Maria. (2002; Ciavatta et al., 2023).

As fotografias trazem consigo o universo do conhecimento presente na aparência da representação fotográfica; mas estão ocultos os múltiplos processos sociais, as mediações que constituem o objeto real representado, a exemplo da fotografia n. 5 que mostra o desgaste dos trilhos de bonde, peça enviada à matriz da Light no Canadá. São as múltiplas relações sociais (culturais, técnicas, científicas, econômicas, políticas etc.) que constituem o objeto na sua totalidade. O exercício de compreensão da fotografia como fonte de pesquisa, além dos dados básicos de identificação, contexto e da análise dos aspectos formais, supõe a aproximação com os processos sociais que permitem explicitar a história que guardam em si, o que está oculto na aparência da representação fotográfica.

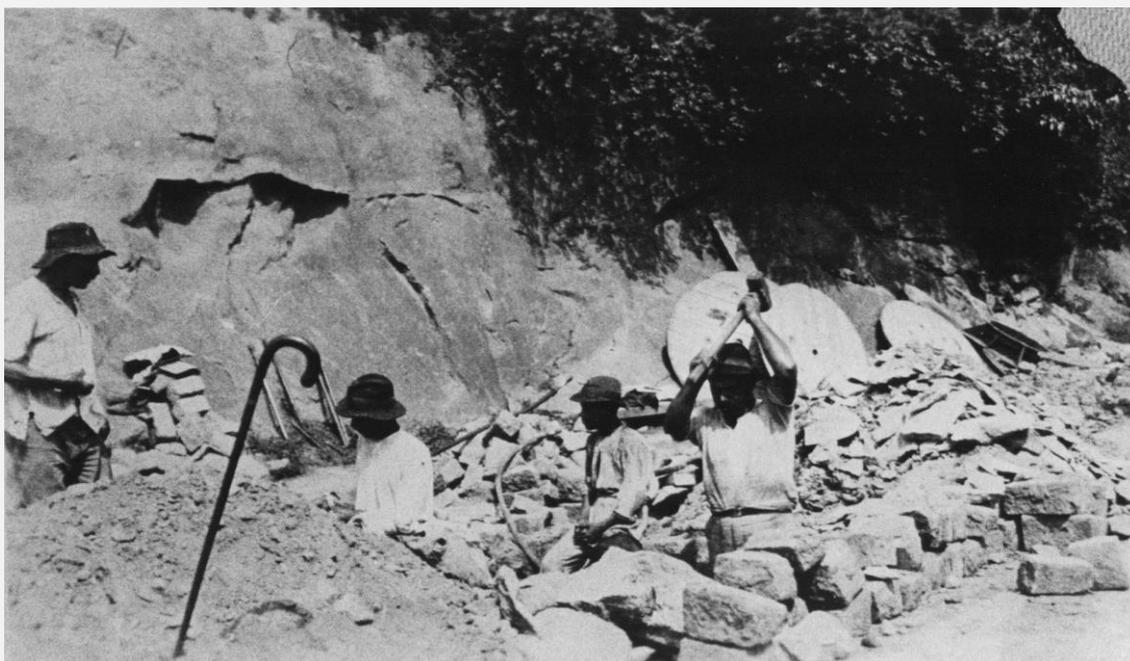
O tratamento historicizado dos objetos de conhecimento, como as fotografias, tem como fundamento o método da economia política e a história como produção social da existência, o que significa considerá-los na totalidade de que fazem parte. Em nosso tempo, a sociedade capitalista, a divisão social do trabalho e as classes sociais. Encontramos na intertextualidade um procedimento adequado a esta premissa, no sentido de que buscamos em outros documentos informações que nos aproximem, historicamente, do objeto de análise.

Para a reconstrução histórica de um objeto fotográfico, é necessário buscar sua origem, suas vinculações, os elementos constitutivos e as informações nele contidas. Testemunho visual das aparências, como informação e como fonte de recordação e de emoção, a imagem fotográfica associa-se à memória e introduz uma nova dimensão no conhecimento histórico, tradicionalmente, obtido através da linguagem oral e, principalmente, da escrita.

Os limites da preservação da memória documental no Brasil, de modo particular, a memória fotográfica, deve-se à ausência de acervos preservados e disponibilizados aos pesquisadores. A ausência do cultivo da memória é própria dos povos colonizados, expropriados de suas riquezas, a quem é restringida ou negada a memória da exploração. Fatores de ordem política, cultural e econômica impediram que, ao lado da produção fotográfica que foi abundante na segunda metade do século passado, também se desenvolvesse o registro e a preservação ampliada dessa memória além do âmbito familiar.

Em nosso tempo, cabe considerar que vivemos em uma sociedade capitalista, segundo a divisão social do trabalho e as classes sociais.

Fotografia 6 – “Corte de pedras para a caixa de emendas”.



Fonte: “Corte de pedras para a caixa de emendas”, Rio de Janeiro, 1925/26, fotógrafo não identificado, Museu das Telecomunicações / TELEMAR (apud CIAVATTA, 2002, p.

17).

As fotografias trazem consigo o universo do conhecimento presente na aparência da representação fotográfica; mas estão ocultos os múltiplos processos sociais, as mediações que constituem o objeto real representado.

Vivemos em um tempo de *Influencers*, de *Facebook*, *Instagram*, Metaverso e novas mídias cada vez mais sofisticadas; tempo de *fake news*, de fama e enriquecimento com o *marketing* de objetos e de pessoas, de problemas éticos e políticos de cancelamentos e ameaças veladas ou abertas aos *youtubers* com milhares de seguidores. As questões éticas fazem parte da rotina da grande imprensa e de suas fotorreportagens. Mesmo considerando que os fotógrafos escolhem seus motivos e objetos fotográficos, só aparentemente, os fotógrafos fotografam para si mesmos. Kossoy (2020, p. 107), do ponto de vista do receptor ou intérprete, analisa que “A interpretação das imagens tem estreita conexão com a experiência, o conhecimento, as convicções morais, políticas, ideológicas, o meio social, a bagagem cultural de cada um”.

2. A Modernização do Rio de Janeiro e a Reforma Pereira Passos

“*Na República que não era, a cidade não tinha cidadãos*”. É com este duplo paradoxo que José Murilo de Carvalho (1987, p. 162) assinala “a castração política” da cidade do Rio de Janeiro, neutralizada politicamente pela República, impedindo seu autogoverno e reprimindo a mobilização política de sua população urbana. Vários são os aspectos que concorrem para essa visão, desde a restrição do poder em mãos das elites e a concepção restrita de cidadania, até a transformação da cidade em “vitrine” pelas reformas a que foi submetida, ao lado da memória do silêncio sobre os trabalhadores, construída nos registros fotográficos dos arquivos públicos e privados da cidade. Qual a importância dessa memória na construção da identidade dos trabalhadores?

Foram quatro séculos de escravidão, primeiro, a tentativa de escravizar os índios que foram privados, de suas terras, mas não submetidos; depois, a escravização ampla de negros, homens e mulheres trazidos da África em condições sub-humanas. Com requintes da exploração estruturada em torno de reis e imperadores, interiorizada nos países de origem, submeteram-se, não sem resistências, a todo tipo de apropriação de seus corpos e de suas vidas para o trabalho dito manual.

Fotografia 7 – “Rio de Janeiro. Escola de emendadores de cabo”.



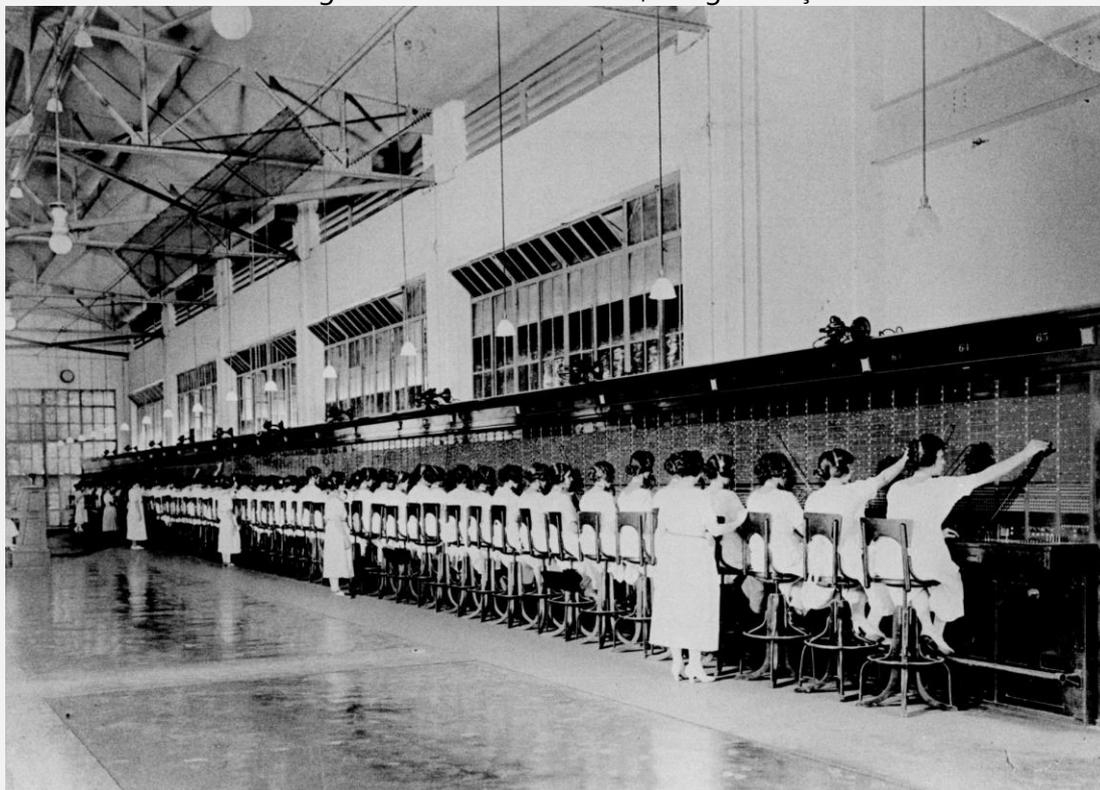
Fonte: “Rio de Janeiro. Escola de emendadores de cabo”, 1929, fotógrafo não identificado, Museu de Telecomunicações / TELEMAR (apud CIAVATTA, 2002, p. 35).

A fotografia n. 7 é, visivelmente, uma imagem da empresa em que os trabalhadores de diversas origens étnicas ou nacionalidades posam demonstrando sua posição técnica na empresa. De alguma maneira, tenta-se sinalizar a superação de inferioridade do trabalho manual que é o pano de fundo da preparação para o trabalho destinado a eles, subsequentemente, após

a Lei da Abolição (1888) e depois da Proclamação da República (1889), à toda a população brasileira pobre.

Também a emancipação feminina, bandeira dos anos 1920, encontrou na telefonia uma forma de expressão na imagem n. 8 que as mostra elegantemente ordenadas e disciplinadas na função de telefonistas, um avanço para as mulheres de seu tempo. Soubemos, pelo contato com a documentação e com os funcionários do Museu de Telecomunicações da TELEMAR, que as telefonistas precisavam dormir na empresa, o que era fora do comum na época.

Fotografia 8 – “Rio de Janeiro, antiga Estação Norte”.



Fonte: “Rio de Janeiro, antiga Estação Norte”, Rio de Janeiro, 1922, fotógrafo não identificado, Museu de Telecomunicações / TELEMAR (apud CIAVATTA, 2002, p. 57).

Às vezes explícito, outras disfarçado sob artifícios ideológicos, o tratamento do trabalho manual, como inferior, discrimina a massa trabalhadora, separando-a para as duas orientações principais da educação, a acadêmico-humanista e científica, com vistas ao ensino superior, e a profissional manual,

técnica ou tecnológica instrumental. A fotografia n. 9 representa uma oficina de marcenaria do Instituto Profissional Masculino que acolhia meninos dentro do ideário do Asylo dos Meninos Desvalidos (1875-1906), que se tornou o Instituto Profissional João Alfredo a partir de 1910, como a finalidade de acolhimento educativo, preparação para o trabalho e ensino das primeiras letras.⁷

Fotografia 9 – “Oficina de marcenaria. Instituto Profissional Masculino”.



Fonte: “Oficina de marcenaria. Instituto Profissional Masculino”, Rio de Janeiro, 1908, fotógrafo não identificado, Fundação Casa de Rui Barbosa (apud CIAVATTA, 1993, p. 179).

Essas eram iniciativas convergentes com a modernização do Rio de Janeiro, capital da República. Já em 1901, o Presidente Rodrigues Alves anunciara que o saneamento da cidade constituía prioridade em seu projeto. O “Rio civiliza-se” era a ordem do dia nos debates políticos e jornalísticos. O

⁷ Pelo Decreto n. 7.566 de 23 de setembro de 1909, o Presidente Nilo Peçanha criou 19 escolas profissionais em todo país, para crianças das “classes desfavorecidas”, utilizando, inclusive, instalações de escolas já existentes com esse ideário de preparar para o trabalho (Ciavatta, 1993).

centro da cidade foi eleito o lugar de onde os maus costumes e os espaços “doentes” deveriam ser erradicados.

Seguindo o exemplo parisiense, Passos manda arrasar as vilas coloniais, cria jardins públicos, persegue os ambulantes e constrói a imponente Avenida Central. Moderniza o sistema de transportes com a introdução dos bondes com tração elétrica. Por sua vez, o “bota abaixo” do casario, as reformas sanitárias e a remoção das camadas pobres para a periferia atendiam ao novo sistema político e econômico. Projetava-se especialmente, a estrutura de classes necessária a uma economia capitalista. É simbólica desse período a fotografia n. 10, da nova Avenida Central.

Fotografia 10 – “Rio de Janeiro. Avenida Central”.



Fonte: “Rio de Janeiro. Avenida Central”, 1905, fotógrafo Augusto Malta, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (apud CIAVATTA, 2002, p. 104).

“Passos vence a rotina. Declara guerra aos bacalhoeiros da rua do Mercado, aos tamanqueiros do beco do Fisco (...) e outros autores do atraso nacional; do fundo dos armazéns manda arrancar toneladas de lixo, derrubar construções arcaicas (...) extingue a cainçalha que vivia infestando as ruas da cidade, acaba com os ambulantes que vendiam vísceras de rezes apodrecendo ao sol, cercados pelo voo contínuo do mosquito, alarga ruas, crêa praças, arboriza-as, calça-as, embelleza-as, termina com a imundície dos quiosques e diminue a infâmia dos cortiços ” (Luiz Edmundo, *O Rio de Janeiro de meu tempo*, 1938).

Fotografia 11 – “Largo da Carioca. Comércio ambulante”.



Fonte: “Largo da Carioca. Comércio ambulante”, Rio de Janeiro, 1905, fotógrafo Augusto Malta, Fundação Casa de Rui Barbosa (apud CIAVATTA, 2002, p. 26)

3. A comemoração do Centenário da Independência e o arrasamento do Morro do Castelo

As discussões sobre o arrasamento do Morro do Castelo, iniciado na gestão de Pereira Passos e concluído na gestão do Prefeito Carlos Sampaio,

preparando a cidade para a comemoração do Centenário da Independência (1922), era referência constante no cotidiano da capital desde os tempos da Colônia.

No Rio de Janeiro de 1922, o arrasamento do Morro do Castelo – marco de fundação da cidade e local de identificação da população carioca – constitui um evento emblemático das múltiplas faces da modernidade” (Motta, 1992, p. 54). uma vez que a derrubada do castelo exigiu um complexo processo de decisão, com o registro na imprensa dos prós e contras a demolição e o arrasamento, e sobre o que seria uma cidade moderna. Predominou o argumento oficial de abrir o horizonte do centro da cidade para o mar, para os “ventos da civilização”.

Fotografia n. 12 – “Arrasamento do Morro do Castelo”.



Fonte: “Arrasamento do Morro do Castelo”, Rio de Janeiro, 1921, fotógrafo Augusto Malta, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 107).

O Prefeito Carlos Sampaio tinha a tarefa iniciada por seus antecessores na Prefeitura do Rio de Janeiro, de ter a cidade limpa, “civilizada”, para a

Comemoração do Centenário da Independência em 1922. Mas o ambiente era extremamente polêmico diante da demolição do marco simbólico da fundação da cidade que era o Morro do Castelo. Conforme mostra a fotografia n. 12, era um o trabalho ingente de retirada de toda terra através carroças de tração animal. A Prefeitura contratou uma firma americana que utilizava uma tecnologia à base de jatos d'água para a derrubada do Morro e retirada da terra, como pode-se ver na fotografia n. 13.

Fotografia 13 – “Arrasamento do Morro do Castelo”.



Fonte: “Arrasamento do Morro do Castelo”, Rio de Janeiro, 1921, fotógrafo Augusto Malta, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 109).

Marco histórico da fundação da cidade, o Castelo, era reverenciado também por abrigar a Igreja de São Sebastião do Castelo (a dos Capuchinhos), onde estavam os ossos de Estácio de Sá e a Igreja de Santo Inácio (dos Jesuítas), transformada, posteriormente, em Hospital Militar e sede da mais antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Espécie de guarda da cidade, o Castelo assinalava a entrada dos navios. Era lá que se levantava, nos dias de sol,

o balão anunciando ao povo que era meio-dia, e que se localizava o relógio da torre e o observatório astronômico (1846). De lá também partia aviso de que havia incêndio na cidade (MOTTA, 1992, p. 54).

O arrasamento do Morro do Castelo (fotografia n. 14) – marco de fundação da cidade e local de identificação da população carioca – constitui um evento emblemático das múltiplas faces da modernidade e sobre o que seria uma cidade moderna. Vemos no arrasamento o desprezo à memória da vida da cidade, de sua população. É, também, uma violação de direitos e recusa à cultura e à história, própria de uma elite colonizada que põe sua identidade nos olhos do colonizador. Predominou o argumento oficial de abrir o horizonte do centro da cidade para o mar, para os “ventos da civilização”.

Fotografia n. 14 – “Vista geral do Morro do Castelo”.



Fonte: “Vista geral do Morro do Castelo”, Rio de Janeiro, sem data, fotógrafo Augusto Malta. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 97).

As reformas não ficaram restritas ao espaço físico da cidade. Eliminar os cortiços e proibir os quiosques significava também erradicar hábitos populares

que não se integravam à rotina da nova divisão do trabalho. A construção do novo em matéria de hábitos, organização do espaço e da reprodução do capital foi permeada de conflitos e contradições, uma vez que a modernização da cidade constituiu-se a partir de um processo de restrição das liberdades civis. A imposição da ordem articulou a dominação econômica a práticas de normatização do espaço e da cultura (CAVALCANTE, 1986).

O Morro do Castelo com a religiosidade marginal das “casas de preto” e demais hábitos ligados à cultura africana, figurava como um escândalo ao lado de símbolos civilizados como a Avenida Central, o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Escola de Belas Artes. Moradia de uma população pobre, lugar de magia e misticismo, com a missa dos Barbadinhos e com as “casas de pretos”, onde a macumba ressoava, o Castelo estava envolto ainda em um profundo mistério em torno dos tesouros que os jesuítas teriam escondido antes de serem expulsos no século XVIII (MOTTA, 1992).

Fotografia 15 – “Morro do Castelo, moradias populares”.



Fonte: “Morro do Castelo, moradias populares”, Rio de Janeiro, sem data, fotógrafo Guilherme dos Santos, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 101).

Era uma população de cerca de cinco mil pessoas, distribuídas em mais de 400 casas. No dizer de Luiz Edmundo, “os que descem na escala da vida vão morar para o alto...”, o morro era um marco constante na vida cotidiana da capital do país. Lugar de magia e misticismo, com a missa dos Barbadinhos, às sextas-feiras de madrugada, e com as “casas de pretos”, onde a macumba ressoava, o Castelo estava envolto ainda em um profundo mistério em torno dos supostos tesouros que os jesuítas teriam escondido antes de serem expulsos no século XVIII; falava-se em doze apóstolos de ouro maciço em tamanho natural enterrados nos subterrâneos do morro” (MOTTA, 1992, p. 55).

4. O mundo do trabalho e os trabalhadores

Do ponto de vista conceitual, o capital, como a produção e reprodução de bens materiais e imateriais, pela exploração do trabalho humano, não difere do mundo do trabalho do início do século XX, salvo na sua historicidade econômica, tecnológica, cultural e política. Não obstante a ideologização do termo mundo do trabalho - reduzido a mercado de trabalho pelos setores empresariais - antes, como agora, o mundo do trabalho deve ser entendido na totalidade social da estrutura econômica, política, cultural que o constitui através das múltiplas mediações e contradições da realidade da vida no planeta.

Duas são as acepções de trabalho que o constitui: o trabalho na sua forma ontológica,⁸ fundamental, estruturante de um novo tipo de ser, o homem, ser social; e o trabalho nas suas formas históricas, penosas, alienantes, desintegradoras dos melhores valores da pessoa humana. Na primeira forma, a delimitação entre a reprodução estritamente biológica e a

⁸ O conceito de ontologia aqui empregado difere da tradição da metafísica clássica, assim como das correntes positivistas e neopositivistas que compartilham de uma visão estática e reificada do ser. Utilizamos o termo no sentido marxiano e lukacsiano que tem no trabalho uma categoria central, estruturante de um novo tipo de ser, o homem, e de uma nova concepção da história com base na realidade externa, objetiva.

produção/reprodução própria dos homens é constituída não apenas pelo produto do trabalho, mas pela consciência, pela capacidade de representar o ser, o produto, de modo ideal, na sua imaginação criadora.

Na segunda acepção, nas condições de exploração do trabalho pelo sistema capital, o trabalhador é separado dos produtos do trabalho, do conhecimento e da sociabilidade gerada na produção (Marx, 1980). Na primeira e na segunda acepção de trabalho, modificam-se não apenas as condições objetivas da produção, mas os próprios produtores e sua subjetividade.

O conceito de mundo de trabalho inclui as atividades materiais, produtivas, assim como todos os processos de criação cultural que se geram em torno da reprodução da vida. Referimo-nos aqui ao universo complexo que, às custas de enorme simplificação, reduzimos a uma das suas formas históricas aparentes, tais como a profissão, o produto do trabalho, as atividades laborais, fora da complexidade das relações sociais que estão na base dessas ações.

As fotografias n. 16, 17 e 18 mostram vários aspectos da vida dos trabalhadores nos idos dos anos 1900, quando os trabalhadores, homens, mulheres e crianças exerciam as atividades fabris e de serviços em condições semiescravas, sem a regulamentação das relações de trabalho – que somente vieram a dar-lhes alguma segurança e proteção no trabalho, a partir dos anos

Fotografia 16 - "Saída de operários – Fábrica Votorantim".



Fonte: "Saída de operários – Fábrica Votorantim", São Paulo, anos 1910, autor não identificado, Arquivo Edgar Leuenroth / História da Industrialização, UNICAMP.

Fotografia 17 - "Obra de calçamento da Rua da Alfândega".

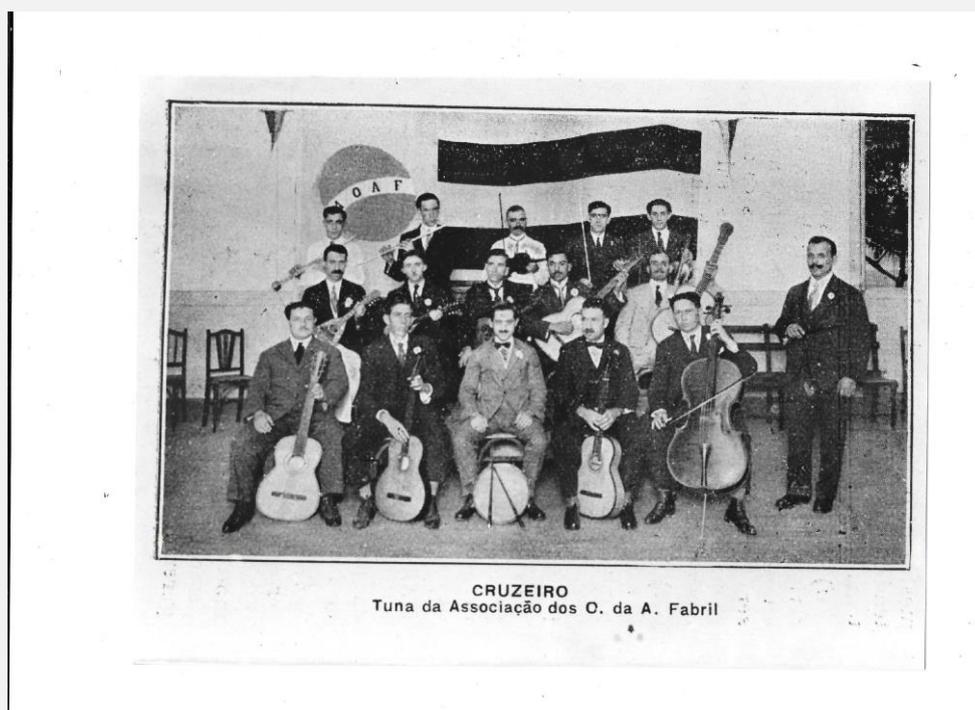


Fonte: "Obra de calçamento da Rua da Alfândega". Rio de Janeiro, 1928, fotógrafo Augusto Malta, Fundação Casa de Rui Barbosa (apud CIAVATTA, 2002, p. 77)

A fotografia n. 17 revela a abundância de trabalhadores e, é de se supor, de mão de obra barata, dadas as precárias condições de vida que as fotos rebelam, herdadas do abandono da população ex-escravizada.

Apenas enfocando o trabalho na sua particularidade histórica, nas mediações específicas que lhe dão forma e sentido no tempo e no espaço, podemos apreendê-lo ou apreender o mundo do trabalho na sua historicidade, seja como atividade criadora, que anima e enobrece o homem, ou como atividade aviltante, penosa ou que aliena o ser humano de si mesmo e dos produtos de seu trabalho.

Fotografia 18 – “Fábrica Cruzeiro; uma tuna [conjunto] da Companhia América Fabril”.



Fonte: “Fábrica Cruzeiro; uma tuna [conjunto] da Companhia América Fabril”, Rio de Janeiro, publicada em folheto de 1922 fotógrafo não identificado, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 122).

Como mostra a fotografia n. 18 e outras do folheto da fábrica têxtil, a Companhia da América Fabril, os trabalhadores se deixam representar em um

grupo de teatro e neste conjunto musical. Este é um dos aspectos que dão sentido ao mundo do trabalho. Os trabalhadores não apenas vendem sua força de trabalho no mercado de trabalho, eles se educam pelo trabalho, pelo exercício de outras atividades sociais, culturais, religiosas, organizativas, políticas,

No sentido historicizado da própria noção, Hobsbawn fala em “worlds of labours”, em mundos do trabalho, ao tratar da formação e da evolução da classe trabalhadora⁹, suas relações com a sociedade e a consciência, os modos de vida e os movimentos que elas geram. O que significa que mundo do trabalho é uma expressão complexa da realidade do trabalho e dos trabalhadores, contida nas suas formas econômicas e nas relações sociais (culturais, políticas, educacionais etc.) que aí se estabelecem. Estas relações incluem a representação e o reconhecimento do coletivo classe operária ou classe trabalhadora.

Hobsbawn (1987, p. 79-98) amplia a noção de classe trabalhadora, de um conteúdo meramente econômico (proprietários e não-proprietários dos meios de produção), para suas dimensões sociais e culturais. O autor propõe caracterizar a classe operária, observando as especificidades do contexto ao qual pertencem e identificar algumas forças que contribuem para a especificação do conceito: a economia nacional, o Estado, as leis, as instituições, as práticas e a cultura de um país, ou de pertencimento a um grupo social, político ou religioso. São identificações múltiplas, não excludentes, e que variam no tempo e no espaço, de acordo com o contexto histórico.

⁹ Entre o fim do século XVIII e meados do século XX, nos países europeus que primeiro se industrializaram, particularmente, a Grã-Bretanha. (Hobsbawn, 1987, p. 13-4).

5. A História de Trabalho-educação

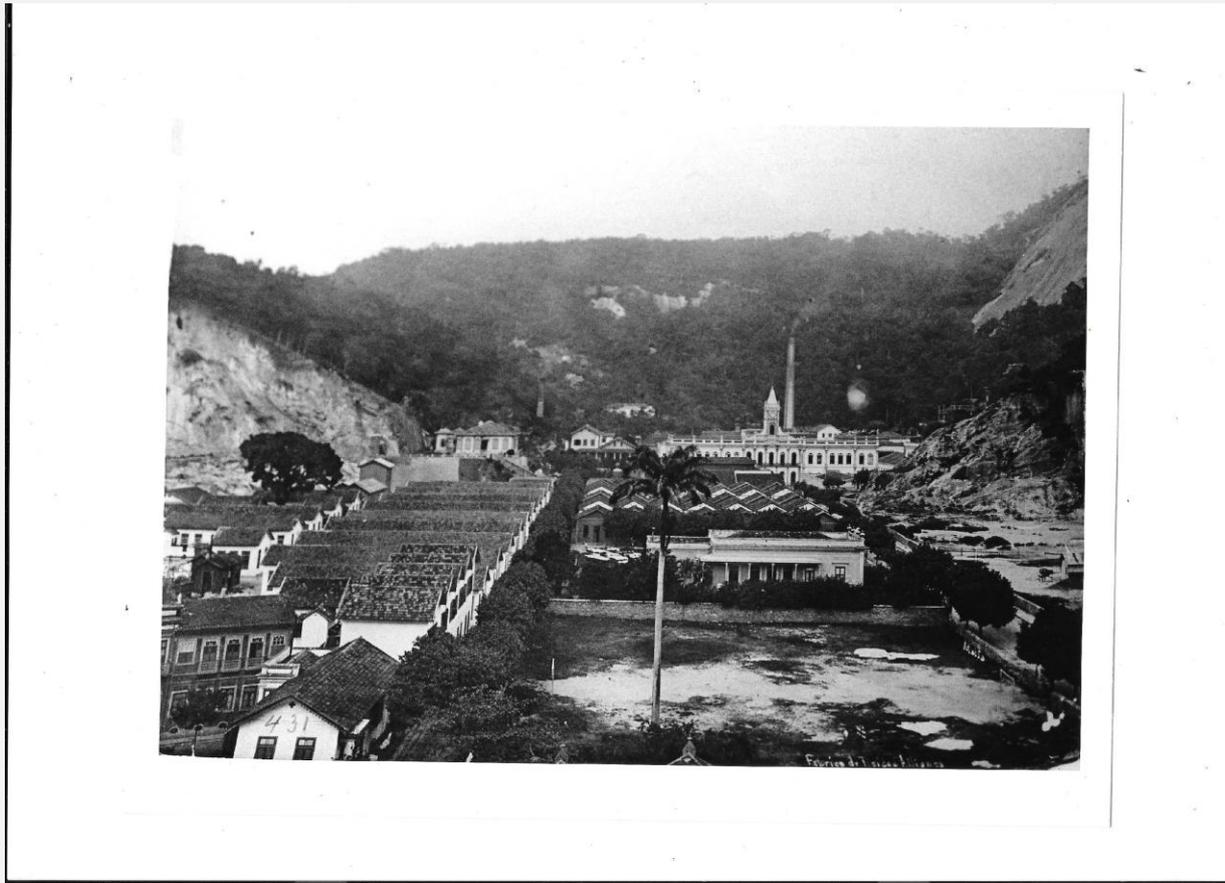
A educação faz parte do mundo do trabalho na medida em que participa do conhecimento gerado pelos processos de transformação da natureza e da sociedade. Cabe reconhecer a importância política da educação na vida da sociedade, de sua conceituação como campo disciplinar para a pesquisa científica. Quando falamos em Trabalho-educação, defendemos o reconhecimento da unidade epistemológica, história e educacional dos dois termos, trabalho e educação (CIAVATTA, 2019; MACHADO, 2005).

Os estudos sobre o mundo do trabalho em imagens, sobre o trabalho e a transformação da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, nos levaram a documentos inesperados de pesquisa em arquivos públicos e privados no Rio de Janeiro e em São Paulo.¹⁰ Há fotografias que apresentam os locais de trabalho e como vivem os trabalhadores.

A organização do trabalho nas primeiras décadas do Século XX, as pesquisas sobre as fábricas operárias têm uma tradição, a exemplo do pioneiro trabalho de José Sérgio Leite Lopes (1988); a história social de Paulo Keller (1997); a pesquisa de fotografias de trabalhadores de Maria Ciavatta (2002, 2007); sobre a expansão da indústria, de Elizabeth von der Weid e Ana Marta Bastos (1986) e do historiador Edgar Carone (1978). A coleção de fotos da América Fabril é uma sucessão de aspectos esclarecedores sobre a cultura de imersão total da vida dos trabalhadores e suas famílias na fábrica: o espaço fechado das vilas de casas, o clube, os grupos artísticos (fotografia n. 18), a igreja, a escola para as crianças; a disciplina nos horários de trabalho e de recolhimento noturno.

¹⁰ Em uma segunda fase, pesquisamos fotografias de trabalhadores em Bologna, na Itália, no arquivo da CGIL (*Confederazione Generale Italiana del Lavoro*), atual *Archivio Paolo Pedrelli – Archiuvo Storico della CGIL di Bologna, Itália*.

Fotografia 19 - "Vila Isabel, Companhia América Fabril, vista geral".



Fonte: "Vila Isabel, Companhia América Fabril, vista geral", Rio de Janeiro, 1908, fotógrafo Augusto Malta, Museu da Imagem e do Som (apud CIAVATTA, 2002, p. 117)

Também a estrutura de classes reproduzida na hierarquia da organização da fábrica está visível nas imagens preservadas nos arquivos, entre os diversos tipos de trabalhadores e suas funções, a exemplo dos trabalhadores da fiação, homens, mulheres e crianças (fotografia n. 3) e as fotos de trabalhadores agrupados segundo suas seções e funções na fábrica (fotografias 20 e 21).

Fotografia 20 – “Jardim Botânico, Fábrica Carioca.



Operários da seção do pano”. Fonte: “Jardim Botânico, Fábrica Carioca, Operários da seção do pano”, Rio de Janeiro, publicada em folheto de 1922, fotógrafo não identificado, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. (apud CIAVATTA, 2002, p. 121).

A presença de fardos de tecidos produzidos indica a potência fabril da empresa, mas, talvez, também o orgulho dos trabalhadores que seguram e pousam a mão sobre as peças (fotografia n. 20).

Diferente é a apresentação de trabalhadores de maior nível hierárquico na fábrica, alguns dos quais com bengala, símbolo de elegância e status na época (fotografia n. 21).

Fotografia 21 – “Fábrica Pau Grande, mestres e contramestres”.



Fonte: “Fábrica Pau Grande, mestres e contramestres”, Rio de Janeiro, publicada em folheto de 1922, fotógrafo não identificado, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (apud CIAVATTA, 2002, p. 52).

Finalizamos estes exemplares de fotografias que evidenciam a hierarquia da fábrica por razões de organização do trabalho, reproduzidas à semelhança da estrutura de classes sociais. A totalidade social da realidade fabril, suas regras e valores, e a memória fotográfica de sua coesão como grupo assemelham-se às fotos dos álbuns de família, “a grande família da fábrica” (CIAVATTA, 2007). Sua culminância são os empresários e seus diretores (fotografia n. 22). O décor tem plantas, todos vestem-se no melhor estilo formal da época e ostentam sua posição de classe abastada.

Fotografia 22 – “Laranjeiras, Cia. De Tecidos Aliança, Diretoria”.



Fonte: “Laranjeiras, Cia. De Tecidos Aliança, Diretoria”, Rio de Janeiro, 1909, fotógrafo Augusto Malta, Museu da Imagem e do Som (apud CIAVATTA, 2002, p. 51).

Considerações finais

No campo específico de estudos sobre Trabalho-Educação, é básico para os pesquisadores, ir à raiz da exploração do trabalho nas sociedades capitalistas, através da crítica à economia política, à contradição capital e trabalho que é a produção e reprodução do capital pela exploração da força de trabalho e pela história que é a produção social da existência. Mas ainda são poucos os autores que se dedicam a ir além da sedutora teoria marxista, do poder explicativo da crítica à economia política para a aventura documental da história.

Significa descer aos meandros da empiria, incluindo fontes de arquivos, história oral, iconográfica, mapas e outros documentos, a partir da concepção da história em Marx na Ideologia alemã (Marx; Engels, 1979) e em todo exercício historiográfico que é o !8 Brumário (Marx, 1978), o Capital (Marx, 1980)

e todos os relatos, citações de documentos, matérias de jornais, notas sobre eventos que dão corpo e forma à argumentação de sua crítica contundente ao sistema capital, à divisão social do trabalho e à sociedade de classes.

Além da produção dos historiadores, a historiografia implica, também, a análise que os historiadores fazem sobre o próprio fazer historiográfico. Embora a história da educação no Brasil seja uma área de extensa e diversificada produção acadêmica, são mais escassos os estudos historiográficos sobre o fazer do historiador.

É de se salientar ainda a ausência do tema trabalho e do tema educação em estudos de “historiadores de ofício”. Escrevendo sobre a historiografia da classe operária, o historiador Cláudio Batalha (1998, p. 157) observa que um livro “que trata dos campos da produção histórica (CARDOSO; VAINFAS, 1997) não dedica nenhum capítulo à história do trabalho ou à história operária, ao passo que a história empresarial, a história das paisagens, ou do uso do computador merecem capítulos específicos”. É de se salientar, acrescentamos, que também a história da educação está ausente do mesmo livro. E o historiador Francisco Falcon (2006) chamou a atenção para a escassez de trabalhos de história da educação entre os historiadores.

Estas considerações, vindas de historiadores, permitem chamar a atenção sobre a importância dos estudos que resgatam a historicidade de trabalho-educação. Significa buscar os dois campos de estudo, do trabalho e da educação e de sua expressão como história da unidade, Trabalho-Educação, na educação profissional, técnica, e tecnológica, na educação de jovens e adultos trabalhadores (CIAVATTA, 2019 a; 2019b).

“*La storia siamo noi*” (a história somos nós) foi a divisa reiterada pela CGIL em 1993, ao comemorar os 100 anos de organização dos trabalhadores, como produtores dos bens materiais e da rica cultura da cidade e da região Emilia-

Romagna, em Bologna. A história somos nós nas lutas de classe, no empenho na produção e reprodução da vida em condições presentes e futuras melhores, do que as que encontramos em nosso país. A história de Trabalho-educação que devemos escrever todos os dias nas escolas, na educação profissional e tecnológica, na defesa de políticas democráticas, inclusivas, antirracistas, alimentando as lutas do presente “para não apagar o futuro”.

Referências

- CARONE, E.. **O Centro Industrial do Rio de Janeiro e sua importante participação na economia nacional (1827-1977)**. Rio de Janeiro: Cátedra; Centro Industrial do Rio de Janeiro, 19787.
- CARVALHO, J. M. de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- CIAVATTA FRANCO, M. **História e imagens**. Tese de Professor Titular. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1993.
- CIAVATTA, M. et al. **Historiografia em Trabalho-educação**. Como se escreve a história da Educação Profissional. Uberlândia: Navegando, 2019b.
- CIAVATTA, M. et al. **Memória e temporalidades do trabalho e da educação**. Rio de Janeiro: Lamparina; Faperj, 2007.
- CIAVATTA, M. A memória do tempo da fotografia -Uma apresentação. In: CIAVATTA, Maria et al. **Fotografia como fonte de pesquisa**. Da História da Educação à História de Trabalho-educação. Rio de Janeiro, Lamparina; Uberlândia: Navegando, 2023.
- CIAVATTA, M. **O mundo do trabalho em imagens**. A fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP & A; Faperj, 2002.
- CIAVATTA, M. Trabalho-educação: uma unidade epistemológica, histórica e educacional. **Trabalho Necessário**, v. 17, n. 32, p. 132-149, 2019 a;
- CIAVATTA, M. Educando o trabalhador da grande “família” da fábrica. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 37-62.
- CIAVATTA, M; CASTIGLIONI, P. **O Rio dos Trabalhadores**. 2ª. ed. Niterói: UFF, 2001. DVD Video (20 ´)

- KELLER, P. **Fábrica & Vila Operária**. A vida dos operários têxteis em Paracambi/RJ. Engo. Paulo de Frontin/RJ, 1997.
- KOSSOY, B. **O encanto de Narciso**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.
- LOPES, J. S. L. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: UnB; CNPq, 1988.
- MACHADO, L. Trabalho-educação como objeto de investigação. **Revista do NETE-UFGM**, v. 14, n.2, jul.-dez., 2005.
- MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980).
- MARX, K; ENGELS, F.. **A ideologia alemã** – Feuerbach. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.
- MOTTA, M. da S. **A nação faz 100 anos**. A questão nacional no Centenário da Independência. Rio de Janeiro: FGV-CPDoc, 1992.
- RUSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes da meta-história. **História da Historiografia**, n. 2, p. 163-209, 2009.
- VELHO, G. Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica. **Revista TB**, n. 95, p. 119-126, out.- dez, 1998.
- WEID, E. von der; BASTOS, A. M. R. **O fio da meada**. Estratégia de expansão de uma indústria têxtil. Rio de Janeiro: FCRB-CNI, 1986.

A COMISSÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL (CBAI) NA ESCOLA TÉCNICA DE CURITIBA (1957-1963)

Mario Lopes Amorim (UTFPR)¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a atuação da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI) no ensino industrial no Brasil a partir de sua transferência para a Escola Técnica de Curitiba (ETC) em 1957, quando foi criado na referida instituição o Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores (CPTP), para a preparação dos professores de todo o país para lecionarem no ensino industrial. O período analisado foi marcado pela Guerra Fria e pela influência cada vez maior do americanismo na educação profissional no Brasil. A presença da CBAI, programa de cooperação firmado entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos em 1946, veio caracterizar esse momento no ensino industrial do país, através da adoção de métodos sistemáticos na formação de docentes para esse ramo do ensino, baseados na chamada Racionalização Científica. Para tanto, se utilizou o Boletim da CBAI, publicação destinada à divulgação das atividades da Comissão, ao se tratar das concepções da CBAI no que se refere à metodologia desenvolvida para o ensino industrial. Também se lançou mão de documentação pertencente ao acervo do Departamento de Patrimônio Histórico (DEPHIS) da UTFPR, no sentido de compreender o papel da cooperação estadunidense na formação dos professores brasileiros de ensino industrial.

Palavras-chave: ensino industrial; Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI); americanismo; formação de professores.

Introdução

Em 1946, foi criada a Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI), um programa de cooperação firmado entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, com o objetivo de formar professores para atuar no Ensino Industrial, numa conjuntura em que o Brasil vinha experimentando um processo de expansão industrial, que se esboçava desde a década de 1930,

¹ Doutor em Educação (USP), mestre em História do Brasil (UFPR). E-mail: marioamorim@utfpr.edu.br

aliada à crescente preocupação dos Estados Unidos com a América Latina, já observada durante a Segunda Grande Guerra, e ampliada com a irrupção da Guerra Fria.

Este artigo procura analisar a atuação da CBAI no ensino industrial no Brasil a partir de sua transferência para a Escola Técnica de Curitiba (ETC)² em 1957, quando foi criado na referida instituição o Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores (CPTP), vinculado à CBAI, como local específico para a preparação dos professores de todo o país – e também de outros países latino-americanos – para lecionarem no ensino industrial. Para tanto, será utilizado o Boletim da CBAI, publicação destinada à divulgação das atividades da Comissão, quando passou a ser elaborado na ETC a partir de 1958, principalmente ao se tratar de assuntos envolvendo as concepções da CBAI no tocante à metodologia desenvolvida para o citado ramo de ensino. Também se lançou mão de documentação pertencente ao acervo do Departamento de Patrimônio Histórico (DEPHIS) da UTFPR, no sentido de compreender o papel da cooperação estadunidense na formação dos professores brasileiros de ensino industrial, habilitando-os para atuarem junto a seus alunos na perspectiva de prepará-los para a atividade industrial, pela aplicação de métodos específicos para tal, evidenciando seu caráter racionalizador do trabalho docente.

O artigo se inicia com uma breve exposição sobre a origem da CBAI no Brasil; em seguida, procede-se a uma análise da estrutura e do funcionamento do CPTP; na sequência, é abordada a ideologia difundida pelos cursos de formação ofertados no âmbito do CPTP; e finalmente, passa-se às considerações finais.

² Atualmente Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

A origem da CBAI

Pode-se situar a criação da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial no contexto da chamada “Política da Boa Vizinhança”, empreendida pelo governo estadunidense com seus vizinhos latino-americanos, durante a Segunda Grande Guerra. Para tanto, era extremamente importante a divulgação das vantagens da ideologia do americanismo para o subcontinente. De acordo com Antonio Pedro Tota (2000), tal ideologia baseava-se nos ideais de democracia, progressivismo e tradicionalismo. Tais seriam os parâmetros pelos quais a sociedade brasileira poderia se basear para a sua modernização e desenvolvimento. Assim estariam,

eliminadas as dificuldades da vida no mundo moderno, [...] também removidas as fontes de insatisfação social. Paz social alcançada pela generalização do consumo. Algumas palavras adquiriram um significado mítico na ideologia do americanismo: *progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência, gerenciamento científico e padrão americano de vida.* (TOTA, 2000, p. 20, grifos do autor)

Assim, pode-se ressaltar que havia um duplo objetivo do projeto de americanização: tanto visava a integração da América Latina ao mercado estadunidense, como o afastamento do subcontinente de influências nacionalistas e socialistas. Para tanto, fazia-se necessário combater a miséria e o subdesenvolvimento na região, com “a adoção de medidas que tornassem a economia latino-americana mais competitiva. A segurança da nação norte-americana dependia de uma estreita cooperação – econômica e cultural – com todos os governos das Américas” (TOTA, 2000, p. 48).

Com o final da Segunda Grande Guerra e o advento da Guerra Fria, verifica-se uma mudança no processo de construção da hegemonia estadunidense junto aos países latino-americanos. De acordo com Maria Ciavatta (2009, p. 302), a interferência estadunidense na América Latina “foi

particularizada em um programa de assistência e cooperação para com as 'áreas subdesenvolvidas', o Ponto IV, anunciado pelo Presidente Truman como um programa em favor da 'paz e liberdade'".

Deste modo se pode compreender o surgimento dos programas de cooperação entre E.U.A. e Brasil. No que concerne ao setor educacional, em 1943 realizou-se em Havana a I Conferência de Ministros e Diretores de Educação das Repúblicas Americanas, sendo aprovada no referido evento a Recomendação XV, intitulada "Escolas de Ensino Industrial e Técnico". Tal Recomendação considerava a importância cada vez maior da formação de mão-de-obra especializada para as atividades de direção e execução do processo produtivo, o que demandará um número cada vez maior de escolas técnicas, desde que voltadas prioritariamente para as atividades práticas, com o objetivo de capacitação de trabalhadores capazes de contribuir para o desenvolvimento econômico de seus países; para que isso se concretizasse, recomendava-se que fossem multiplicadas as escolas técnicas, incluídas aí as industriais, articuladas com a educação primária e secundária, e que visassem a preparação para o trabalho para uma melhor capacitação do trabalhador, sem prejudicar sua formação cultural, e ao mesmo tempo se estimulasse os serviços de orientação profissional para auxiliar no melhor aproveitamento dos indivíduos para o progresso social (Apud FONSECA, 1961).

Com base nesta Resolução, firmou-se um acordo entre o Ministério da Educação e Saúde e o *Inter-American Educational Foundation Inc.*, órgão subordinado a *The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), cuja cláusula IV estabelecia a criação de uma comissão especial que teria como função a aplicação do programa de cooperação educacional entre os E.U.A. e o Brasil: nascia a Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI), em 1946. O programa seria dirigido por um superintendente brasileiro - o titular da

Diretoria do Ensino Industrial do Ministério da Educação - e um representante estadunidense.

De acordo com Celso Suckow da Fonseca (1961, p. 565. v. 1), o programa de ação da CBAI compunha-se de doze pontos:

- 1) Desenvolvimento de um programa de treinamento e aperfeiçoamento de professores, instrutores e administradores;
- 2) Estudo e revisão do programa de ensino industrial;
- 3) Preparo e aquisição de material didático;
- 4) Ampliação dos serviços de bibliotecas; verificar a literatura técnica existente em espanhol e português; examinar a literatura técnica existente em inglês e providenciar sobre a aquisição e tradução das obras que interessarem ao nosso ensino industrial;
- 5) Determinar as necessidades do ensino industrial;
- 6) Aperfeiçoamento dos processos de organização e direção de oficinas;
- 7) Desenvolvimento de um programa de educação para prevenção de acidentes;
- 8) Aperfeiçoamento dos processos de administração e supervisão dos serviços centrais de administração escolar;
- 9) Aperfeiçoamento dos métodos de administração e supervisão das escolas;
- 10) Estudo dos critérios de registros de administradores e professores;
- 11) Seleção e orientação profissional e educacional dos alunos do ensino industrial;
- 12) Estudo das possibilidades do entrosamento das atividades de outros órgãos de educação industrial que não sejam administrados pelo Ministério da Educação, bem como a possibilidade de estabelecer outros programas de treinamento, tais como ensino para adultos, etc.

Para a concretização do acordo de cooperação educacional, a *Inter-American Educational Foundation Inc.* enviou especialistas para o desenvolvimento do ensino industrial no Brasil. Também professores e técnicos brasileiros foram aos E.U.A. para realizarem treinamento na área. Comprometia-se ainda a entidade estadunidense com a preparação de material didático e recursos auxiliares para a formação de docentes.

Quanto aos recursos financeiros para o programa seriam da ordem de US\$ 750.000,00 por parte do governo brasileiro, e de US\$ 250.000,00 por parte da fundação estadunidense, aplicados entre janeiro de 1946 e junho de 1948 (CIAVATTA, 2009). Ao se encerrar o prazo de vigência do Acordo, através de novo documento foi renovado por um ano, e assim sucessivamente ao longo de todo o período de funcionamento da CBAI, até 1963.

Em termos práticos, a CBAI iniciou suas atividades em 1947, com uma reunião de diretores de estabelecimentos de ensino industrial, realizada entre janeiro e fevereiro no Rio de Janeiro, cidade definida como sede do programa, evento onde os dirigentes de instituições de ensino industrial, ao participarem de conferências com especialistas estadunidenses, tomaram ciência do conteúdo e dos objetivos do programa, que propunha uma lógica homogeneizadora para o ensino industrial (MEDEIROS NETA; CAMPOS; SOUZA, 2023). Também no mês de fevereiro de 1947, iniciou-se o primeiro curso voltado aos professores das escolas industriais federais. Em maio do mesmo ano, os professores participantes do curso vão aos E.U.A., onde passam um ano, sendo seis meses de estágio em escolas profissionais locais, três meses em indústrias e outros três meses em um curso de formação pedagógica (FONSECA, C. S., 1961). Ainda em 1947, no mês de setembro, é a vez dos diretores de dez das escolas técnicas e industriais federais rumarem aos E.U.A. para frequentar curso de especialização.

Em janeiro de 1949, em seu discurso de posse, o presidente dos E.U.A., Harry Truman, propôs quatro diretrizes para a política externa estadunidense, e uma delas, a quarta, especificava: “tornar o conhecimento técnico norte-americano disponível para as regiões mais pobres do mundo” (Apud MALAN, 1984). Essa linha de ação se concretizou num programa que se tornou conhecido como **Ponto IV**, que estabelecia uma verba de US\$ 45 milhões destinados aos países latino-americanos na forma de cooperação e assistência

técnica. A partir de junho de 1950, quando o Congresso dos E.U.A. aprova o Ponto IV, a CBAI passa a se subordinar a esse programa.

Ao longo de sua primeira década de existência, a CBAI teve grande dificuldade para dar conta de seu programa de ação, principalmente no que se refere ao seu primeiro ponto, o programa de treinamento e aperfeiçoamento de docentes e de gestores das escolas industriais e técnicas. Os cursos para professores e orientadores careciam de uma melhor estruturação, muitas vezes não se realizando em determinado ano por não terem sido devidamente organizados, ou pela falta de uma maior divulgação, o que levou muitas vezes a serem frequentados por um número reduzido de inscritos. A solução apontada para o problema foi a instalação de um centro de formação numa escola específica da rede federal, no caso o Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores (CPTP), na Escola Técnica de Curitiba (ETC).

Estrutura e do funcionamento do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores (CPTP)

A primeira vez que se fez menção à criação de um centro de treinamento, por parte dos técnicos da CBAI, foi em 1956, quando uma comissão integrada por Francisco Montojos, então chefe da DEI e Superintendente da CBAI, mais os técnicos estadunidenses Paul C. Packer e Edward W. Sheridan, em colaboração com o MEC, designaram a ETC para sede do Centro de Treinamento de professores (EXTRATO..., 1959). A ratificação de tal medida se deu através da Mensagem Presidencial do presidente Juscelino Kubitschek ao Congresso Nacional de 1957 (BRASIL/MEC/INEP, 1987). O processo de transferência da parte pedagógica da CBAI para a Escola Técnica de Curitiba iniciou-se em fevereiro de 1957, e o Centro de Treinamento iniciou seus trabalhos em agosto do mesmo ano.

Na visão do Chefe da Divisão de Educação do Ponto IV no Brasil, Thomas A. Hart, a viabilização do CPTP deveria marcar a conclusão da assistência na orientação e consultoria prestada pela CBAI ao Brasil. Porém, tal intenção foi prontamente rechaçada pelo Diretor da DEI/MEC e superintendente da CBAI, Francisco Montojos, que não concordava com essa posição, por entender que a cooperação estadunidense ainda não estava completa, necessitando o Brasil de mais tempo de assistência técnica.

Tal desavença se situa em um contexto onde “a reeleição de Eisenhower em novembro de 1956 significou a continuidade da política norte-americana de relativa negligência para com a América Latina” (MALAN, 1984, p. 85). Entende-se que só não houve uma retirada definitiva da ajuda estadunidense à América Latina como um todo, pela percepção de que, “em 1957, a União Soviética iniciou uma ofensiva comercial no exterior que, mais por razões políticas que econômicas, alertou os E.U.A. para a competição política e tecnológica” (MALAN, 1984, p. 86). Somando-se a isso uma série de manifestações de repúdio ao vice-presidente dos E.U.A., Richard Nixon, durante sua viagem a vários países latino-americanos em 1958, o governo do presidente Juscelino Kubitschek aproveitou-se “para capitalizar politicamente a insatisfação reinante com a política norte-americana e aumentar, com uma política externa voltada para a obtenção de capitais públicos norte-americanos – projeção natural do desenvolvimentismo” (MALAN, 1984, p. 88). Tal ofensiva, conhecida como Operação Pan-Americana, conseguiu garantir a cooperação entre os dois países em alguns pontos, sendo um deles o da assistência técnica. Assim, se a intenção inicial do Ponto IV era, de fato, o encerramento do programa de treinamento de professores para o ensino industrial no Brasil, tal propósito acabou não se concretizando, tanto que as atividades da CBAI se estenderam ainda até 1963.

Quanto aos motivos que levaram à escolha da Escola Técnica de Curitiba como sede do Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores da CBAI, há

uma convergência de opiniões no sentido de a mesma ser considerada, na época, a escola técnica da rede federal mais bem equipada para a empreitada, em relação às suas congêneres³. Porém, deve ser destacada a preocupação da *United States Operation Mission/Brazil* (USOM/B), órgão do governo dos E.U.A. ao qual era subordinado o Ponto IV – e por extensão, a CBAI –, com a execução de um projeto de desenvolvimento rural no oeste do Paraná, “para fixar os trabalhadores rurais na região e combater o comunismo”⁴. Vale registrar que em 1957 a região foi sacudida pelo chamado Levante dos Posseiros, intenso conflito fundiário entre posseiros que trabalhavam em terras devolutas e companhias de terras que faziam a grilagem das mesmas, o que leva à suposição de que a escolha da ETC possa estar relacionada com o acompanhamento, por parte da USOM/B, da citada conflagração.

A partir da instalação do CPTP, uma série de melhoramentos na ETC foi providenciada pela CBAI: reorganização e reequipamento de diversas oficinas, e instalação de novas; instalação de novo transformador para atender a maior demanda de energia, decorrente das novas máquinas; e transferência de uma biblioteca de cerca de 4.000 volumes, material didático impresso, móveis, máquinas de escrever e as oficinas gráficas da CBAI, do Rio de Janeiro para Curitiba (EXTRATO..., 1959).

O CPTP tinha um diretor brasileiro e um estadunidense. Ao iniciar suas atividades, nos anos de 1958 e 1959, os cursos para professores tiveram a duração de oito meses, entre os meses de abril e novembro de cada ano, sendo que a partir de 1960 a duração passou para nove meses. As disciplinas dos

³ Nos exemplares do Boletim da CBAI, percebe-se que há um cuidado em se destacar o parque industrial curitibano, de forma a não restarem dúvidas quanto a se tratar de uma cidade em franco processo de industrialização, portanto justificando-se plenamente a escolha de sua escola técnica para ser a sede do Centro de Treinamento da CBAI no Brasil.

⁴ [...] *to fix the rural laborer on the land and to combat Communism [...]*, de acordo com o documento sem data intitulado *The Paraná frontier community development Project*, encontrado no DEPHIS/UTFPR. O documento transparece a preocupação da USOM/B com os conflitos de terra no sudoeste do Paraná.

cursos eram lecionadas em conjunto por um técnico estadunidense, que contava com um tradutor para auxiliá-lo em suas intervenções, e por um professor brasileiro, o *counterpart*, no planejamento do curso e no preparo das aulas, sendo que o *counterpart* ministrava as aulas, contando com a ajuda de auxílios audiovisuais e materiais didáticos, sob a assistência do técnico estadunidense. Quanto ao ensino, era feito através de:

- aulas teóricas expositivas para a apresentação da matéria;
- aulas práticas para verificação e aperfeiçoamento das habilidades profissionais;
- debates com participação ativa dos professores-alunos;
- preparação e administração de aulas pelos professores-alunos, visando à didática individual. (MONTOJOS; BYRNES, 1959, p. 12)

Os cursos oferecidos eram destinados a professores, técnicos e instrutores das escolas federais, estaduais e municipais, além do SENAI e de outras entidades convidadas pela CBAI. Esta ainda se responsabilizava pelo custeio das passagens de ida e volta, das refeições na Escola Técnica de Curitiba e de uma ajuda de custo aos professores-alunos, que era maior para aqueles das escolas técnicas federais; aos professores-alunos não pertencentes à rede federal, eram pagas apenas as refeições no refeitório da ETC. A CBAI ainda custeava todo o material a ser utilizado durante o curso, bem como a substituição dos cursistas nas instituições às quais estivessem vinculados (MONTOJOS; BYRNES, 1959).

O ingresso nos cursos do CPTP dava-se da seguinte forma: escolas industriais e técnicas, oficiais ou não, mandavam candidatos para Curitiba, após submeterem-se aos exames de seleção aos cursos de treinamento em suas próprias instituições, portando uma carta de apresentação do diretor do estabelecimento em que lecionavam. Posteriormente, responderiam a uma prova, composta por três testes, de Matemática, de Português (incluindo Redação) e Conhecimentos Gerais, e Conhecimentos Mecânicos e

Conhecimentos Profissionais. Para se matricular, o candidato ainda devia ser maior de dezoito anos, não ser portador de doença infectocontagiosa, ter a capacidade física exigida pelo curso, estar em dia com o Serviço Militar e ser portador de diploma de Técnico; neste último caso, para os cursos industriais que não contassem com o respectivo curso técnico, bastaria o candidato ser portador de diploma do curso Industrial Básico ou do SENAI.

Embora não aparecesse como condição excludente para inscrição ao exame de seleção ou para matrícula, não havia presença feminina nos cursos de treinamento de professores. Os cursos do CPTP eram tidos como caracteristicamente masculinos, tanto por envolverem ofícios tradicionalmente ligados aos homens, quanto por se tratar de matéria tecnológica, também tida como definidora do trabalho masculino, pois envolveria conhecimentos mais aprofundados, o que estaria fora do alcance e da compreensão do sexo feminino, de acordo com a noção construída historicamente para a mulher.⁵

Para a obtenção do certificado, o cursista deveria obter a média final geral sete e meio (7,5); esta também deveria ser a média final das disciplinas de Prática de Oficina, Tecnologia e Metodologia do Ensino Industrial, enquanto que nas demais matérias a média final tinha que ser, no mínimo, seis (6,0). A avaliação era realizada mensalmente, tanto em relação ao aproveitamento quanto em relação ao comportamento do aluno no curso, sendo feita sem aviso prévio. Quanto ao critério assiduidade, para a obtenção do certificado, o professor-aluno não poderia ter mais que quatro faltas não justificadas, ou vinte faltas justificadas. Ao final do curso, os professores-alunos recebiam o certificado de Professor de Prática de Oficina de sua respectiva especialidade.

No que concerne ao aspecto de manutenção dos professores-alunos em Curitiba, os mesmos recebiam uma diária e uma ajuda de custo para as

⁵ Sobre a representação feminina durante a presença da CBAI na ETC, ver MACHADO; QUELUZ, 2002; PADILHA, 2019.

despesas de viagem e outros gastos eventuais, paga em duas partes, uma no início e outra no final do curso.⁶ Quanto ao alojamento, os cursistas tinham direito ao mesmo nas dependências da Escola Técnica de Curitiba, mas não no internato destinado aos alunos da instituição, e sim em dependências à parte; além disso, os cursistas tinham o direito de utilizarem o refeitório e a lavanderia, bem como o serviço médico da instituição.

Já em relação aos professores ministrantes dos cursos, a ideia inicial era que fossem admitidos técnicos brasileiros para trabalhar com os técnicos estadunidenses, havendo um *counterpart* para cada curso, auxiliado por professores-assistentes ou professores-adjuntos, de acordo com as necessidades, que ainda passariam por um treinamento intensivo a fim de estarem aptos para o trabalho. Como os alunos, os docentes tinham suas passagens aéreas pagas pela CBAI, além de receberem uma ajuda de custo durante o período do curso⁷, alojamento e alimentação nas dependências da escola, e ainda todo o material de treinamento e roupa de trabalho. O salário dos professores técnicos era de Cr\$ 20.000,00 mensais, enquanto que os docentes das disciplinas teóricas recebiam a quantia de Cr\$ 250,00 por aula (WILHELM; HOOLE, 1958).

Quanto às condições de trabalho dos docentes do CPTP, sua jornada era de quarenta horas semanais, sendo que o número de aulas era de no mínimo vinte e no máximo trinta, de cinquenta minutos de duração. O restante do tempo era dedicado à preparação de material didático, assistência aos alunos, orientação, planejamento das atividades próprias do curso e atividades extracurriculares (MELLO, 1996). Para ser um *counterpart*, exigia-se um "mínimo de cinco (5) anos de experiência de ensino, dos quais pelo menos um (1) em

⁶ O valor total da ajuda de custo era de Cr\$ 1.200,00, em 1958 e 1959. Não temos dados para outros anos. Cf. CPTP/ETC/CBAI, 1958; CPTP/ETC/CBAI, 1960.

⁷ Se fosse professor da rede federal.

função administrativa ou de supervisão, em escolas industriais ou técnicas. Mínimo de cinco (5) anos de trabalho prático no setor industrial em que pretende atuar como professor” (MELLO, 1996, p. 26).

Em 1960, a denominação muda para Curso de Formação de Professores, e não mais de Treinamento, com a justificativa de que a grande maioria dos cursistas não era de professores, mas de homens que almejavam o Magistério e ainda passariam por um processo formativo. Os cursos ofertados eram de Marcenaria; Mecânica de Máquinas; Mecânica de Automóveis; Eletricidade; Fundição; Serralheria; Rádio; Artes Gráficas. O programa dos mesmos estava estruturado da seguinte maneira:

PREPARAÇÃO PROFISSIONAL:

As disciplinas que objetivam dar esta preparação, incluem:

Prática de Oficina, visando a dar ou completar nos cursistas as habilidades operativas de máquinas e equipamentos, assim como os conhecimentos necessários no local de trabalho.

Tecnologia, visando a dar ou completar os conhecimentos relativos à especialidade.

Desenho Técnico, visando principalmente à leitura e interpretação de desenho.

PREPARAÇÃO PEDAGÓGICA:

Esta preparação será dada pelas disciplinas:

Técnica de ensino, que poderá ser dividida para as conveniências didáticas do curso, e incluirá noções de psicologia educacional, métodos e testes, e avaliação de ensino, etc.

Auxílios didáticos, onde se instruirá o cursista no uso e elaboração destes auxílios.

Organização e direção de oficinas escolares:

Análise de ofícios e construção de cursos, visando a indicar os princípios de metodização do ensino profissional.

PREPARAÇÃO GERAL:

Será suprida pelas disciplinas de **matemática**, **português**, **noções de desenvolvimento industrial**, e visa a completar a formação geral do professor. (CURSO..., 1960, p. 8)

Quanto à carga horária, à Preparação Profissional estavam destinadas oitocentas e oitenta (880) horas, à Preparação Pedagógica destinavam-se quinhentas e vinte (520) horas, restando duzentas (200) horas para as disciplinas de Preparação Geral. Portanto, o Curso de Treinamento para Professores totalizava hum mil e seiscentas (1600) horas de formação. Acrescente-se a esta carga as excursões às indústrias, atividades consideradas como fundamentais no Curso de Treinamento/Formação.

A CBAI sempre procurou dar a mais ampla visibilidade ao CPTP. Afinal, tratava-se de mostrar ao país o quanto a ajuda estadunidense era importante para a superação do atraso do Brasil e para a nossa inserção na modernidade industrial capitalista, desde que se procedesse de acordo com o modelo sugerido pela “nação-irmã” norte-americana.

A divulgação dos trabalhos do CPTP se deu de variadas formas, a começar pela publicação Boletim da CBAI. Nesta, dava-se um grande destaque ao elevado número de visitas recebidas pelo CPTP, sendo que todas elas eram consideradas relevantes para demonstrar a importância do trabalho desenvolvido pela CBAI, desde autoridades do governo estadunidense até estudantes de outras escolas, técnicas ou não, passando por autoridades do MEC, diretores de outros estabelecimentos de ensino técnico, professores estrangeiros e empresários industriais. Geralmente, destacava-se a impressão extremamente favorável que as instalações do Centro de Treinamento e da própria ETC causavam nos visitantes. Para um público mais amplo, as telas de cinema da época exibiam um documentário cinematográfico filmado na ETC, pela Companhia Herbert Richers, sobre as atividades desenvolvidas na mesma concernente ao Curso de Treinamento de Professores (A ESCOLA..., 1958).

Em suma, podemos afirmar que a Escola Técnica de Curitiba, durante o funcionamento do Centro de Treinamento de Professores, praticamente

centralizou as atenções do ensino industrial no Brasil, já que as principais atividades e eventos ligados a essa modalidade educacional aí se desenvolviam.

A ideologia difundida pela CBAI

Conforme visto anteriormente, a CBAI procurava divulgar e demonstrar as vantagens da ideologia do americanismo. Os ideais correspondentes a tal sistema de ideias estão presentes ao longo dos textos publicados nos boletins da CBAI, quando da sua produção nas oficinas de Artes Gráficas da Escola Técnica de Curitiba. Ao mesmo tempo, enfatiza-se o quão valioso era para o desenvolvimento do país a presença dos técnicos estadunidenses, no sentido de representarem exemplos a serem seguidos pelos brasileiros por suas qualidades pessoais, responsáveis pelo seu sucesso profissional.

Ao descrever o grupo de técnicos estadunidenses atuante no CPTP, o Boletim da CBAI não economiza elogios: trata-se de homens possuidores de saberes indiscutíveis, dentro de suas respectivas especialidades; pessoas extremamente dedicadas ao trabalho, que se adaptaram perfeitamente às condições da vida brasileira, muito simpáticos e por isso conseguiram desenvolver muitas amizades durante sua estadia em Curitiba, tratando seus colegas brasileiros de modo bastante afável, compreendendo os elevados desígnios da missão da qual são agentes; e por fim, que procuravam aprender a língua portuguesa, não se cansando de elogiar o esforço e a capacidade dos brasileiros (CONFRATERNIZADOS..., 1959). Também sobressaía a apologia ao *american way of life*, como no relato da visita do diretor brasileiro da CBAI Lauro Wilhelm aos E.U.A:

[...] todo cidadão, de qualquer parte do mundo, vindo mesmo de campos antagônicos e professando ideologia oposta ao do povo americano, sente-se dominado pela sua organização, pelo seu espírito prático, pelo seu padrão de vida e experimenta desde os primeiros momentos aquela sensação de conforto e

segurança que gozam os naturais do país, graças à sua admirável prosperidade. (WILHELM, 1961, p. 12)

Nos boletins, se verifica a existência de uma reverência à suposta superioridade estadunidense em qualquer campo, até como uma maneira de justificar o programa de cooperação, firmado justamente com os E.U.A., embora haja contrapontos por parte de ex-professores que trabalharam no CPTP.⁸ Porém, a principal ideologia difundida nos boletins, verificada mesmo quando estes eram editados no Rio de Janeiro, permanece sendo a necessidade premente que o Brasil tinha de técnicos como condição fundamental para o seu progresso, ainda mais num momento de intensa expansão industrial. Era comum a ênfase no auxílio estadunidense como condição essencial para o desenvolvimento do ensino industrial, que permitiria uma melhor qualificação de mão-de-obra para alavancar o progresso do país. No Boletim da CBAI predominava uma concepção messiânica da educação técnico-industrial como essencial para o desenvolvimento do país, ao se considerar que “a *formação* do professor do ensino industrial se torna imperiosa e a sua protelação comprometerá todo e qualquer programa de expansão industrial” (PROFESSOR..., 1959, p. 3). A convocação para a reunião comemorativa do cinquentenário do ensino profissional federal, realizada em Volta Redonda, entre 21 e 26 de setembro de 1959, reforça que:

Nos últimos anos, o Brasil parece ter-se acordado e compreendido a importância de desenvolver e incrementar o ensino profissional, sem o qual, aliás, a sua industrialização estaria passível de solução de continuidade. Atualmente, todo o País se sacode no afã de melhorar e aumentar o elemento humano especializado, que deverá crescer paralelamente com o mercado de trabalho.

Mais mão de obra especializada, mais técnicos, mais professores, mais equipamento, mais providências capazes de determinar uma expansão objetiva e racional desse ramo de

⁸ Em documentos de História Oral constantes no DEPHIS/UTFPR.

instrução, é a voz súplice dos setores industriais.
(CINQUENTENÁRIO..., 1959, p. 7)

Pode-se concluir que a ideologia nacional-desenvolvimentista é hegemônica no período, e que um dos seus componentes discursivos é exatamente a defesa da necessidade do desenvolvimento do ensino industrial como condição necessária para o progresso do país.

Deve-se, porém, levar em consideração que, para haver uma expansão quantitativa e qualitativa do ensino industrial, era fundamental o programa de cooperação com a participação estadunidense, porque este seguia o caminho da racionalização, da eficiência e do ajustamento do estudante e do trabalhador. Os objetivos das disciplinas do Curso de Formação de 1960 são reveladores das intenções racionalizadoras: a cadeira de Planejamento dos Currículos e Programas apresentava que: "1 – Os cursistas deverão conhecer os processos fundamentais e métodos de análise de ofício e dos trabalhos; 2 – Os cursistas deverão aceitar a necessidade do ensino metódico dos ofícios, pelo uso de uma série metódica de tarefas, ou de um programa metódico equivalente" (OBJETIVOS..., 1960, p. 14). Na disciplina de Organização e Administração de Oficinas, os cursistas deveriam adquirir conceitos básicos sobre "economia e eficiência de trabalho e de ensino" (OBJETIVOS..., 1960, p. 14). E na disciplina de Prática de Oficina,

2 – Os cursistas deverão habituar-se ao uso dos processos mais racionais e modernos de trabalho; 3 – Os cursistas deverão habituar-se aos processos de trabalho que exigirão, quando professores, de seus alunos:

- a) Obediência às folhas de tarefas
- b) Uso das folhas de informações [...]
- d) Padrões de qualidade e rapidez. (OBJETIVOS..., 1960, p. 14, grifos meus)

Conclui-se que o CPTP foi criado "a fim de que possamos moldar o elemento formador de técnicos" (IRMÃOS..., 1961, p. 16), de acordo com os

procedimentos de Racionalização Científica, pois o treinamento de professores para o ensino industrial deveria ser efetuado de modo que os docentes, ao trabalharem com os alunos dos cursos técnicos, seguissem a mesma senda, garantindo a formação de indivíduos direcionados para a eficiência produtiva, fator tido como fundamental à expansão industrial pela qual passava o Brasil no período. Isso sem contar com a imposição dos valores do americanismo, envolvendo a suposta operosidade estadunidense e os valores liberais ocidentais com os quais o Brasil deveria se alinhar, numa conjuntura de conflito com o chamado socialismo real, apresentado como “inimigo da liberdade”. Assim, era essencial cuidar da preparação dos professores do ensino industrial, já que seriam eles os responsáveis pela constituição da força de trabalho qualificada que contribuiria decisivamente para o progresso do país.

Considerações finais

Em relação ao ensino técnico no Brasil, a CBAI manteve a concepção de disciplinamento pelo trabalho, presente desde a criação das escolas de aprendizes artífices, em 1909, acrescentada pela divulgação dos ideais do americanismo e pela crescente influência estadunidense no Brasil, sob vários aspectos. Soma-se a isto a narrativa, cada vez mais presente, da urgente necessidade da preparação de técnicos para atender as demandas do setor industrial, cuja qualificação lhes permitiria emprego e ascensão social, e possibilitaria ao Brasil a busca de superação da condição de país subdesenvolvido.

Nos trabalhos desenvolvidos pela CBAI estão nítidos os componentes do projeto de *americanização* da América Latina, como a ideologia do progressivismo, na ênfase dada à industrialização para a modernização do Brasil. A isto se aliava a defesa dos valores ocidentais e a luta contra a expansão do socialismo no continente. Por fim, o valor da democracia, aqui como expressão

de uma soberania que o Brasil adquiriria através do desenvolvimento do setor industrial, que atingiria a todos sem exceção. Sob esse ponto de vista, a figura do docente do ensino industrial ganha relevo, já que seria o responsável pela capacitação da força de trabalho e, portanto, deve receber a preparação adequada para desempenhar bem tal função, desde que de acordo com os parâmetros traçados pela CBAI.

Para concluir, o período em que a CBAI manteve seu Centro de Treinamento de Professores na Escola Técnica de Curitiba significou o momento em que esta instituição de ensino, através de uma série de melhorias recebidas devido à atuação do programa de cooperação com os E.U.A., tornou-se uma escola-modelo para as demais da rede federal. Os investimentos da CBAI na Escola Técnica de Curitiba permitiram notáveis melhorias em suas instalações, sendo o fator determinante para que a instituição ficasse conhecida em todo o país. Os vários visitantes recebidos pela escola durante o período de funcionamento do CPTP saíam de lá com as melhores impressões possíveis, de acordo com o que publicava o Boletim da CBAI.

Por fim, para toda uma geração de docentes e alunos, não apenas da instituição escolar em tela, mas de toda a educação profissional do Brasil, os preceitos de racionalização do trabalho tornaram-se hegemônicos, e continuam sendo, apenas adaptados de acordo com os novos paradigmas que vão surgindo a partir das reestruturações produtivas subsequentes e de suas demandas por trabalhadores com novos e determinados perfis profissionais.

Referências

A ESCOLA Técnica de Curitiba na tela de mil e trezentos cinemas do Brasil.

Boletim da CBAI, Curitiba, v. XII, n. 1, p. 14, out. 1958.

BRASIL/MEC/INEP. **A educação nas mensagens presidenciais (1890-1986)**.

Brasília: INEP, 1987. V.1.

- ClAVATTA, M. **Mediações históricas de trabalho e educação**: gênese e disputas na formação dos trabalhadores (Rio de Janeiro, 1930-60). Rio de Janeiro: Lamparina, CNPq, Faperj, 2009.
- CINQUENTENÁRIO da criação do ensino profissional federal. **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XIII, n. 7, p. 7, jul./ago. 1959
- CONFRATERNIZADOS, brasileiros e americanos brindam o natal e o ano novo. **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XIII, n. 1, p. 7, jan. 1959.
- CPTP/ETC/CBAI. **Curso de treinamento de professores**: instruções. Curitiba: CBAI, 1958.
- CPTP/ETC/CBAI. **Curso de formação de professores de 1960**: instruções aos cursistas. Curitiba: CBAI, 1960.
- CURSO de Treinamento de Professores. **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XIV, n. 9, p. 7-8, nov. 1960.
- EXTRATO do Relatório de 1957 da USOM/B (Ponto IV). **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XIII, n. 1, p. 13-16, jan. 1959.
- FONSECA, C. S. **História do ensino industrial no Brasil**. RJ: Nacional, 1961. V.1.
- IRMÃOS maristas em visita ao Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores. **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XV, n. 5, p. 16, jul. 1961.
- MACHADO, M. L. B.; QUELUZ, G. L. "Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos": a profissionalização feminina durante a atuação da CBAI na Escola Técnica de Curitiba (1946-1962). In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO; HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2., 2002, Natal. **Anais...** Natal: Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002. CD-ROM.
- MALAN, P. S. Relações econômicas internacionais do Brasil (1945-1964). In: FAUSTO, B. (dir.) **História geral da civilização brasileira**. T. III, v. 4. SP: Difel, 1984, p. 51-106.
- MELLO, D. E. **Resgate histórico da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial – CBAI**. 1996. 29 p. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino Industrial) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 1996.
- MEDEIROS NETA, O. M.; CAMPOS, I. F.; SOUZA, F. L. **Educação Industrial no Brasil**: por uma história da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial. Natal: SEDHIS-UFRN, 2023.
- MONTOJOS, F.; BYRNES, A. F. Resolução nº 8. **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XIII, n. 6, p. 12-13, jun. 1959.
- OBJETIVOS das disciplinas do Curso de Formação. **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XIV, n. 2, p. 12-14, abr. 1960

PADILHA, A. C. B. **Alinhavando memórias: domesticidades e pedagogias de gênero no curso de corte e costura da Escola Técnica de Curitiba: (anos 1940 a 1960)**. 2019. 290 f. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

PROFESSOR do ensino industrial. **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XIII, n. 5, p. 3, mai. 1959.

TOTA, A. P. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WILHELM, L. Um estágio na América. **Boletim da CBAI**, Curitiba, v. XV, n. 8, p. 12-13, out. 1961.

WILHELM, L.; HOOLE, R. S. **Curso de treinamento de professores a funcionarem em 1958**. Curitiba: CBAI, s.d.

CENTROS DE MEMÓRIA DAS ESCOLAS TÉCNICAS E DAS FACULDADES DE TECNOLOGIA DO CENTRO PAULA SOUZA: ESPAÇOS DE PRESERVAÇÃO DE ACERVOS ESCOLARES E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO

Julia Naomi Kanazawa (Centro Paula Souza/Etec Cônego José Bento)¹

Resumo: Este artigo aborda a origem dos centros de memórias das escolas técnicas e das faculdades de tecnologia no Centro Paula Souza, os centros de memória atualmente e as práticas educativas de valorização do patrimônio histórico-educativo desenvolvidas pelos docentes curadores e pesquisadores. A criação e organização dos centros de memória no Centro Paula Souza tiveram origem na ocasião do projeto Historiografia das Escolas Técnicas Estaduais mais Antigas do Estado de São Paulo (1998-2002), iniciado pela professora Julia Falivene Alves, na Unidade de Ensino Médio e Técnico, sob a coordenação e orientação da professora Dra. Carmen Sylvia Vidigal de Moraes, do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Atualmente, são vinte e quatro centros de memória nas escolas técnicas e um na faculdade de tecnologia, e mais quatro acervos escolares históricos, que contam com a curadoria de professores e/ou pesquisadores, responsáveis por projetos anuais, acompanhados pela Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec). Os centros de memórias preservam documentos e artefatos produzidos e/ou adquiridos ao longo dos anos de existência das escolas técnicas e das faculdades de tecnologia e, muitos deles, se referem ao período anterior à vinculação das escolas ao Centro Paula Souza. Docentes curadores e pesquisadores realizam estudos e pesquisas com o acervo salvaguardado e alunos, orientados pelos professores, produzem ações educativas, a fim de sensibilizar a comunidade escolar para a importância da preservação e salvaguarda do patrimônio histórico-educativo.

Palavras-chave: Centros de memória. Educação profissional e tecnológica. Patrimônio histórico-educativo. Práticas educativas.

¹ Doutora em Educação pela Unicamp. Docente da Etec Cônego José Bento, professora coordenadora de projetos no Centro Paula Souza e membro do GEPEMHEP. E-mail: julia.kanazawa@cps.sp.gov.br.

Introdução

Este artigo aborda a origem dos centros de memórias das escolas técnicas e das faculdades de tecnologia no Centro Paula Souza, os centros de memória atualmente e as práticas educativas de valorização do patrimônio histórico-educativo desenvolvidas pelos docentes curadores e pesquisadores.

O Centro Paula Souza é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação; foi idealizada em 1963 e iniciou suas atividades na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967-1971), com o objetivo de gerir os primeiros cursos superiores de tecnologia - Construção Civil (Construção de Obras Hidráulicas, Construção de Edifícios e Movimento de Terra e Pavimentação) e Construção Mecânica (Desenhista Projetista e Oficinas), administradas, posteriormente, pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1973) e pela Faculdade de Tecnologia de Sorocaba (1970) (São Paulo, 2009).

Entre 1981 e 1982, o órgão incorporou doze unidades de ensino técnico, denominadas Escolas Técnicas Estaduais, informalmente chamadas de ETEC'S. Em 1994, mais 82 escolas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo foram integradas diretamente à Secretaria da Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e da Ciência (São Paulo, 2009). Desde então, além dessas escolas, oriundas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, outras foram sendo criadas e instaladas pela autarquia.

Hoje, o Centro Paula Souza, cuja sede se encontra instalada no bairro Santa Ifigênia, em São Paulo (Imagem 1), está presente em 363 municípios e administra 228 Escolas Técnicas (Etecs) e 77 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, com mais de 316 mil alunos em cursos técnicos de nível médio e superior tecnológicos. Além da graduação, o Centro oferece cursos de pós-graduação, atualização tecnológica e extensão (Centro Paula Souza, s/d).

Imagem 1: Sede do Centro Paula Souza, São Paulo, SP.



Fonte: Centro Paula Souza (s/d).

Em setembro de 2021, a instituição também foi reconhecida como Instituto de Ciência e Tecnologia (ICT), uma organização sem fins lucrativos de administrações públicas ou privadas, que tem como principal objetivo a criação e o incentivo a pesquisas científicas e tecnológicas (Centro Paula Souza, s/d).

Origem dos centros de memória no Centro Paula Souza

A criação e organização dos centros de memória no Centro Paula Souza tiveram origem na ocasião do projeto Historiografia das Mais Antigas Escolas Técnicas Estaduais do Estado de São Paulo (1998-2002), iniciado pela professora Júlia Falivene Alves, na Unidade de Ensino Médio e Técnico, sob a coordenação e orientação da professora Dra. Carmen Sylvia Vidigal de Moraes, do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (Alves, 1998).

O projeto Historiografia foi concebido, segundo Moraes e Alves, em razão da “precária situação dos acervos documentais das escolas técnicas (...) e que exigia providências urgentes (...)” (Moraes; Alves, 2002, p.13). E, visava “promover o encontro entre pesquisa e atividade pedagógica, através da integração dos diferentes agentes das práticas escolares na produção do conhecimento histórico (Moraes; Alves, 2002, p.13).

Como resultados, segundo as mesmas autoras, se esperava viabilizar “o contato da comunidade escolar e da população local com questões referentes à preservação da memória institucional e o desenvolvimento de ações de preservação do patrimônio histórico e cultural – entendidas como fundamentais para a constituição e exercício da cidadania” (Moraes; Alves, 2002, p.13); capacitar teórica e tecnicamente os docentes envolvidos; constituir um “acervo documental permanente” nas unidades escolares, a partir de um banco de dados informatizado para divulgação de documentos textuais, iconográficos, museológicos, depoimentos e entrevistas; e realizar estudos e produzir conhecimentos sobre a história das instituições.

Assim, na época, foram criados e organizados oito centros de memórias na rede de escolas do Centro Paula Souza² e, em 2002, como fruto das pesquisas realizadas nesses oito centros pelos professores bolsistas, foram publicados o Álbum Fotográfico Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo: uma história em imagens e o Inventário de Fontes - Contribuição à pesquisa do Ensino Técnico no Estado de São Paulo.

Após o término do projeto, a partir de 2003, aos professores que atuavam nos Centros de Memórias de Amparo, Campinas, Franca, Jacareí, Santos, São Paulo e Sorocaba, foram propostos projetos a serem desenvolvidos com horas atividades específicas com o propósito de contribuir para a

² Os oito centros de memórias foram criados e organizados nas Escolas Técnicas Estaduais Carlos de Campos (São Paulo), Getúlio Vargas (São Paulo), João Belarmino (Amparo), Bento Quirino (Campinas), Dr. Júlio Cardoso (Franca), Fernando Prestes (Sorocaba), Cônego José Bento (Jacareí) e Aristóteles Ferreira/EE Escolástica Rosa (Santos).

manutenção de estudos e pesquisas sobre memórias e história da educação profissional nas unidades escolares. De 2008 em diante, mais docentes passaram a desenvolver projetos Haes em suas unidades de ensino e a implantar os centros de memória e acervos escolares.

Também, desde 2008, bianualmente, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional GEPEMHEP/Centro Paula Souza tem promovido encontros e jornadas. Nesses eventos os docentes apresentam os resultados de estudos e pesquisas que realizam nas unidades escolares ou nas faculdades de tecnologia, com o apoio institucional e por meio de projetos de horas atividades específicas (Centro Paula Souza, 2020)³.

Além desses eventos de difusão de pesquisas e desenvolvimento de projetos, o Centro Paula Souza passou a oferecer, a partir de 2009, cursos de capacitação relacionados ao patrimônio histórico educativo e ao patrimônio cultural e tecnológico, propostos pela coordenação de projetos do Grupo. As capacitações são denominadas pelo grupo de Clubes de Memórias e acontecem três vezes ao ano, quando se discutem referenciais teóricos e categorias de investigação e se realizam as rodas de conversa, ocasiões em que ocorrem práticas de comunicação entre os docentes que atuam em unidades de ensino localizados em diferentes municípios do Estado de São Paulo⁴ (Carvalho; Ribeiro, 2021).

Os centros de memória e acervos escolares histórico, atualmente

Atualmente, existem no Centro Paula Souza vinte e quatro Centros de Memória nas escolas técnicas e um na faculdade de tecnologia, e mais quatro

³ Os trabalhos apresentados e selecionados foram publicados em livros organizados por Maria Lúcia Mendes de Carvalho, docente coordenadora de projetos do Centro Paula Souza. Os livros, no formato e-book, se encontram hospedados no site de Memórias do Centro Paula Souza, no link: http://www.memorias.cpsctec.com.br/pub_livros.php.

⁴ Os arquivos dos Clubes de Memórias se encontram hospedados no site de Memórias do Centro Paula Souza, no link: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/acoesclube.php>.

acervos escolares, que contam com a curadoria de professores e/ou pesquisadores, responsáveis por projetos anuais, acompanhados pela Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) (Centro Paula Souza, 2020). Apresentam-se, a seguir, alguns desses centros de memória e acervo escolar, visitados pela docente coordenadora de projetos no Centro Paula Souza, Julia Naomi Kanazawa, entre 2022 e 2023.

- *Centro de Memória da Etec Professor Camargo Aranha, São Paulo, SP*

O Centro de Memória da Etec Professor Camargo Aranha (Imagem 3), localizado em São Paulo, foi criado em 2019 e tem como curadora a professora Sibeles Biondi Foltran (Imagem 2).

Imagem 2: Docente curadora Sibeles Biondi Foltran do Centro de Memória e os documentos e artefatos preservados. Imagem 3: Interior do Centro de Memória da Etec.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (10 fev.2022).

- *Centro de Memória da Etec Pedro Ferreira Alves, em Mogi Mirim, SP*

O Centro de Memória da Etec Pedro Ferreira Alves (Imagem 5), situado em Mogi Mirim, foi criado em 2015, entretanto, desde 2014, os professores Wagner Bráz e Fábila Dovigo Pais (Imagem 4) já cuidavam do acervo escolar.

Atualmente, a docente Gláucia Pereira da Silva atua como professora pesquisadora.

Imagem 4: Professora Fábica Dovigo Pais, curadora do Centro de Memória⁵. Imagem 5: Interior do Centro de Memória da Etec⁶.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (17 mar. 2022).

- *Centro de Memória da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, em Espírito Santo do Pinhal, SP*

O Centro de Memória da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva foi organizado em 2019 e a professora Kátia Vargas Abrucese (Imagem 6) cuida do acervo, constituído, em sua maioria, de objetos relacionados ao ensino técnico agrícola, oferecido pela instituição desde 1935. Na imagem 7, visualiza-se o piano, um dos artefatos salvaguardados no Centro de Memória.

⁵ Na época da visita, a professora Fábica Dovigo Pais era a curadora do Centro de Memória.

⁶ O Centro se encontra instalado, hoje, ao lado da biblioteca da escola.

Imagem 6: Kátia Vargas Abrucese, docente curadora do Centro de Memória da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, ao fundo. Imagem 7: Piano preservado no Centro de Memória.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (8 abr.2022).

- *Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, em Sorocaba, SP*

O Centro de Memória da Etec Fernando Prestes foi um dos centros criados, em 2000, na ocasião do Projeto Historiografia das Mais Antigas Escolas Técnicas Estaduais do Estado de São Paulo. A professora Daniele Torres Loureiro é curadora do Centro de Memória desde 2018 (Imagem 8). No saguão, localizado na entrada da Etec, se encontra uma exposição permanente (Imagem 9) – galeria de diretores e objetos museológicos - organizada pelo Centro de Memória.

Imagem 8: Daniele Torres Loureiro, docente curadora do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes. Imagem 9: Saguão onde se encontra a exposição permanente organizada pelo Centro de Memória.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (28 jun.2022).

- *Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca, SP*

O Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, denominado Centro de Memória Alfredo Licursi, também foi um dos centros criados e organizados, em 2000, na ocasião do Projeto Historiografia das Mais Antigas Escolas Técnicas Estaduais do Estado de São Paulo.

Atualmente, as docentes Aparecida Helena Costa e Maria Medianeira Nouer Monteiro (Imagem 10) são as curadoras do Centro de Memória da Etec. A Etec Dr. Júlio Cardoso foi inaugurada em 1924 no município de Franca.

Imagem 10: Aparecida Helena Costa e Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro, docentes curadoras do Centro de Memória Alfredo Licursi⁷. Imagem 11: Arquivo do Centro de Memória.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (20 out. 2022).

- *Acervo escolar histórico da Fatec Dr. Thomaz Novelino, em Franca, SP*

O acervo escolar histórico da Fatec Dr. Thomaz Novelino, localizado em Franca, SP, tem como curadora a docente Liene Cunha Bittar (Imagem 12), desde 2018.

Imagem 12: Liene Cunha Bittar, docente pesquisadora do acervo escolar histórico da Fatec Dr. Thomaz Novelino. Imagem 13: Protótipo de veículo construído pelos alunos.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (20 out. 2022).

⁷ A professora Joana Célia de Oliveira Borini também atuou como curadora do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, até 2022.

- *Centro de Memória da Fatec Professor Jessen Vidal, em São José dos Campos, SP*

O Centro de Memória da Fatec Professor Jessen Vidal, em São José dos Campos, SP, foi criado recentemente, em 2022, por meio da portaria do diretor da Fatec número 1, de 30 de junho de 2022. O docente Gerson Carlos Favalli (Imagens 14 e 15) e mais dois professores⁸ atuam como pesquisadores do Centro de Memória da unidade.

Imagem 14: Gerson Carlos Favalli, um dos docentes pesquisadores do Centro de Memória da Fatec Professor Jessen Vidal. Imagem 15: Avião Brasília BEM-120, doado pela EMBRAER.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (3 nov. 2022), KANAZAWA, Julia Naomi (28 jun. 2023).

- *Centro de Memória da Etec Philadelfo Gouvêa Netto, em São José do Rio Preto, SP*

Desde 2013, a professora Jurema Rodrigues (Imagem 16) é curadora do Centro de Memória da Etec Philadelfo Gouvêa Netto, criado em 2012. Localizado em São José do Rio Preto, o Centro de Memória se encontra instalado no espaço da biblioteca da Etec e preserva documentos arquivísticos e museológicos da instituição.

⁸ Os docentes Nilo Jerônimo Vieira e Eliane Penha Mergulhão Dias são os dois pesquisadores que atuam no Centro de Memória da Fatec Professor Jessen Vidal, juntamente com o professor Gerson Carlos Favalli.

Imagem 16: Jurema Rodrigues, docente curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto. Imagem 17: Galeria dos diretores.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (17 nov. 2022).

- *Centro de Memória da Etec Prof. Matheus Leite de Abreu, em Mirassol, SP*

O Centro de Memória da Etec Prof. Matheus Leite de Abreu, em Mirassol, SP, foi criado em 2015 e a professora Sueli Mara Oliani Oliveira Silva (Imagem 18) atua como curadora, desde 2014. O docente Paulo Antônio Sacchi (Imagem 19) tem contribuído com a organização do banco de sementes crioulas.

Imagem 18: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva, docente curadora do Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon. Imagem 19: Paulo Antônio Sacchi, professor pesquisador, e o banco de sementes crioulas.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (17 nov. 2022).

- Centro de Memória da Etec João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba, SP

Localizado em Pindamonhangaba, SP, o Centro de Memória da Etec João Gomes de Araújo, criado em 2013, atualmente conta com a curadoria da professora Patrícia Campos Magalhães (Imagem 20). Ao lado (Imagem 21), o projetor de slides, um dos objetos preservados no Centro de Memória.

Imagem 20: Patrícia Campos Magalhães, docente curadora do Centro de Memória da Etec João Gomes de Araújo. Imagem 21: Projetor de slides.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (24 nov. 2022).

- Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica, Centro Paula Souza, em São Paulo, SP

Instalado em uma das dependências da sede do Centro Paula Souza, o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica (Imagem 23) tem como curadora a professora Maria Lúcia Mendes de Carvalho, desde 2014 (Imagem 22).

Imagem 22: Maria Lúcia Mendes de Carvalho, docente curadora do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica. Imagem 23: Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: Denise de Melo Franco Moro da Costa (25 abr. 2022).

- *Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em Limeira, SP*

A professora Marlene Aparecida Guiselini Benedetti (Imagem 24) atuou, até 2022, como curadora do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, criado em 2015.

Imagem 24: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, docente curadora do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo. Imagem 25: Acervo museológico do Centro de Memória.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (25 maio. 2022).

- *Centro de Memória da Etec João Jorge Geraissate, em Penápolis, SP*

O Centro de Memória da Etec João Jorge Geraissate, denominado Centro de Memória Dr. Edison João Geraissate, foi criado em 2016 e teve como curadora, até 2023, a docente Ednéia Chinellato (Imagem 26). Na imagem 27, se observa um conjunto de equipamentos agrícolas preservado no Centro de Memória.

Imagem 26: Ednéia Chinellato, curadora do Centro de Memória Dr. Edison João Geraissate, juntamente com Julia Naomi Kanazawa, professor coordenadora de projetos do CPS. Imagem 27: Instrumentos agrícolas preservados no Centro de Memória.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: MOURA, Matheus Chinellato (10 jul. 2023). KANAZAWA, Julia Naomi(10 jul. 2023).

- *Centro de Memória Etec Cônego José Bento, em Jacareí, SP⁹*

O Centro de Memória Etec Cônego José Bento (Imagem 28) foi mais um dos centros criados e organizados em decorrência do projeto Historiografia das Mais Antigas Escolas Técnicas Estaduais do Estado de São Paulo, em dezembro de 2000, e funciona até hoje. Ele se encontra instalado em uma das edificações da Etec Cônego José Bento, antiga casa que serviu de moradia dos diretores da

⁹ A autora do texto é curadora do Centro desde 2009 e, a partir de 2022, a professora Elisiane Alves de Oliveira se tornou pesquisadora do Centro de Memória Etec Cônego José Bento.

escola, e preserva documentos e artefatos escolares que datam das décadas de 1930 a 2010.

Imagem 28: Centro de Memória Etec Cônego José Bento. Imagem 29: Sala de arquivos do Centro de Memória.



Fonte: Acervo de Julia Naomi Kanazawa. Fotografias: KANAZAWA, Julia Naomi (19 nov. 2022).

Práticas educativas de valorização do patrimônio histórico-educativo

Os centros de memória das escolas técnicas e das faculdades de tecnologia do Centro Paula Souza preservam documentos e artefatos, produzidos e/ou adquiridos ao longo dos anos de existência das escolas técnicas e das faculdades de tecnologia. Muitos deles se referem ao período anterior à vinculação das escolas ao Centro Paula Souza.

Entre os documentos e os artefatos preservados nos centros de memória e acervos escolares históricos encontram-se livros de matrículas, atas de exames finais, atas de reuniões pedagógicas, livros ponto, prontuários, livros de conta corrente, inventários, diários de classe, inventários, requisições ao almoxarifado, notas fiscais, planos de trabalho docente, plantas arquitetônicas, fotografias, livros didáticos, apostilas, manuais, mapas, mobiliários, objetos de ensino, troféus, entre outros.

Docentes curadores e pesquisadores efetuam estudos e pesquisas com documentos e artefatos salvaguardados nos centros de memória e nos acervos

escolares históricos, com base em referenciais como De Certeau (1994), Goodson (2013), Julia (2011), Mogarro (2006), Souza (2017), Vidal (2017), Vinão Frago e Escolano Benito (2001) e muitos outros teóricos. Nos clubes de memórias os referenciais citados são discutidos a fim de constituir um arcabouço teórico-conceitual e auxiliar os docentes-pesquisadores a compreender os seus objetos de estudo.

Nas produções, que se têm construído e/ou reconstruído com base nos vestígios, nos indícios e nas evidências preservados ao longo dos anos nos registros documentais e nos artefatos, na perspectiva histórica, perguntas, distanciamentos e análises das fontes escolares são efetivadas, com a finalidade de buscar no passado as explicações para os questionamentos levantados no presente.

Por meio da pesquisa e análise documental e da história oral, docentes curadores e pesquisadores, têm recuperado muitos dos aspectos das instituições escolares onde atuam e da cultura escolar. A História Oral, tem permitido o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história”, ampliando as possibilidades de interpretação do passado (Alberti, 2010, p. 156).

Uma experiência recente da utilização deste método foi no desenvolvimento do projeto de pesquisa coletivo “História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores”, que teve como pesquisadora responsável Maria Lúcia Mendes de Carvalho, do GPEMHEP/Cetec. O objetivo do projeto foi conhecer a cultura e as práticas empreendedoras, em diferentes regiões do estado de São Paulo. Por meio de entrevistas de história oral com ex-alunos concedidas à professores-pesquisadores, em sua maioria, curadores em centros de memória institucional, foi possível identificar a importância de diferentes cursos oferecidos na educação profissional e tecnológica para a construção e o desenvolvimento empresarial no país (Centro Paula Souza, 2020).

Outro método, prosopográfico, tem sido empregado para a construção de trajetórias de coleções de objetos da ciência e tecnologia na educação

profissional e de objetos, individualmente, a fim de contribuir para a pesquisa e a escrita das biografias de objetos. Os dados coletados são registrados em uma ficha denominada ficha de registro de objeto (FRO).

Além das pesquisas e estudos, alunos, orientados pelos docentes, produzem e/ou promovem ações educativas¹⁰ e realizam atividades organizacionais, como higienização, acondicionamento e registro de documentos e artefatos, a fim de sensibilizar a comunidade escolar para a importância da preservação e salvaguarda do patrimônio histórico-educativo.

Visitas monitoradas, exposições, oficinas, vídeos, podcasts e videocasts são exemplos de ações educativas promovidas e produzidas pelos centros de memória e contribuem para a ampliação do conhecimento histórico sobre as instituições escolares; para a percepção dos alunos como protagonistas do processo histórico; e para o fortalecimento de vínculo, de pertencimento à escola, patrimônio público que agrega o interesse coletivo.

Dimensão pedagógica se encontra articulada nas ações educativas quando esses lugares de memória, que guardam o acervo escolar, se tornam espaços valiosos de reflexões, ensino e produção de conhecimento histórico, por meio de uma variedade de fontes, que aguardam indagações por parte de alunos e professores pesquisadores.

Considerações finais

Os centros de memórias do Centro Paula Souza tiveram sua origem no Projeto Historiografia das Escolas Técnicas Estaduais mais Antigas do Estado de São Paulo com a criação e organização dos centros em oito escolas técnicas e, desde então, outros centros e acervos escolares históricos foram sendo criados

¹⁰ As ações educativas são produzidas e promovidas, notadamente, na Semana Nacional de Museus, na Semana Nacional de Arquivos e Primavera de Museus se encontram hospedadas no site de Memórias do Centro Paula Souza, link: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/acoeseexpor.php>.

e constituídos nas Etecs e Fatecs, com a finalidade de preservar documentos e artefatos escolares.

Concebidos como lugares de memória (Nora, 1993), os centros de memórias das escolas técnicas e faculdades de tecnologia preservam documentos e artefatos escolares para manter viva uma memória escolar, que é individual e coletiva, e para produzir e conhecer a história da escola onde se atua e/ou se estuda, pois, ao compreender a história escolar, é possível sentir-se pertencente a um lugar.

Para, conforme afirma Souza (2013),

[...] reconhecer o significado sociocultural da instituição, como memória afetiva da experiência escolar, mas, principalmente, como ferramenta de reflexão sobre o significado da escola como instituição ao longo do tempo e os sentidos de sua atuação no presente (SOUZA, 2013, p. 213).

Esforços têm sido empreendidos pelos professores curadores e pesquisadores, alunos e servidores para manter e divulgar o acervo de cada um dos centros de memória perante a comunidade escolar, por meio de atividades organizacionais, de pesquisas e estudos e de ações educativas.

Os estudos desenvolvidos também têm sido divulgados em eventos por professores e alunos, como Encontros e/ou Jornadas de memórias e história da educação profissional e tecnológica, promovidos pelo Centro Paula Souza, congressos e seminários, e feiras científicas.

Muitos são os desafios colocados na realidade cotidiana dos centros de memória, entretanto, é preciso, por meio de alunos, professores e funcionários persistir no trabalho de preservação dos documentos e artefatos escolares, parte do valioso patrimônio histórico educativo, pois eles podem ajudar a esclarecer muitos aspectos da história da instituição escolar, das características da educação no município e, primordialmente, auxiliar a refletir sobre o

significado da escola e seu papel social ao longo do tempo e sua atuação no presente.

Deste modo, considera-se que o trabalho de memórias e história da educação profissional e tecnológica, desenvolvido pelo Centros de Memória do Centro Paula Souza, é um trabalho de persistência e resistência, para que não ocorra o esquecimento e, ainda, o não “apagamento” do que viveu a escola historicamente.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALVES, Julia Falivene. Historiografia das Mais Antigas Escolas Técnicas Estaduais do Estado de São Paulo. **Revista Synthesis**, Centro Paula Souza, n. 5, p. 31- 38, out. 1998.
- CARVALHO, Maria Lúcia Mendes de; RIBEIRO, Carlos Eduardo. Museu virtual de educação profissional: práticas pedagógicas híbridas na formação continuada de docentes. **Resgate** - Rev. Interdiscip. Cult., Campinas, v. 29, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8661212>. Acesso em: 26 set. 2023.
- CENTRO PAULA SOUZA. **Funções e competências**. São Paulo: Centro Paula Souza, s/d. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- CENTRO PAULA SOUZA. **Memórias e história da educação profissional e tecnológica**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2020. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, 2 ed.. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- GOODSON, Ivor F. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 2013.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Sociedade Brasileira de História de Educação/ Autores Associados: Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2001.
- MOGARRO, Maria João. Arquivo e educação. A construção da memória educativa. **Revista de Ciências da Educação**, n.1, p. 71-84, 2006. Disponível em:

<http://sisifo.ie.ulisboa.pt/index.php/sisifo/article/view/40/0>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Júlia Falivene (orgs.). **Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo**: uma história em imagens. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. **Projeto história / Revista do Programa de Estudos Pós-graduados e História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SÃO PAULO. **Especial 40 anos do Centro Paula Souza**: conheça a linha do tempo da instituição. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/especial-40-anos-do-centro-paula-souza-conheca-a-linha-do-tempo-da-instituicao/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, M. L. (Org.). **Culturas escolares e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. Preservação do patrimônio histórico escolar no Brasil: notas para um debate. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, p. 199-221, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723814262013199>. Acesso em: 19 dez. 2023.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da educação como arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818362017251>. Acesso em: 21 dez. 2023.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



Núcleo de **MEMÓRIA** do IFRS

O **Núcleo de Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – NuMem/IFRS** tem por finalidade organizar, preservar, difundir, salvaguardar e permitir acesso ao patrimônio cultural de natureza imaterial e material do IFRS de forma sistemática e permanente.

O NuMem/IFRS procura contribuir para composição da identidade e da estabilidade institucional, no sentido de que o IFRS possa se autorreconhecer e autoafirmar como detentor do seu papel fundamental no desenvolvimento da Educação Profissional e Tecnológica. Para isso, o NuMem/IFRS procura reconhecer a diversidade de experiências de forma a garantir uma identidade plural, crítica e inclusiva; incentivar a produção do conhecimento histórico sobre a EPT, a instituição e sua comunidade; promover o desenvolvimento de projetos e ações relativas à história e à memória do IFRS e sua comunidade, buscando o caráter indissociável e interdisciplinar.

Site

memoria.ifrs.edu.br

E-mail

ifrs.numem@ifrs.edu.br